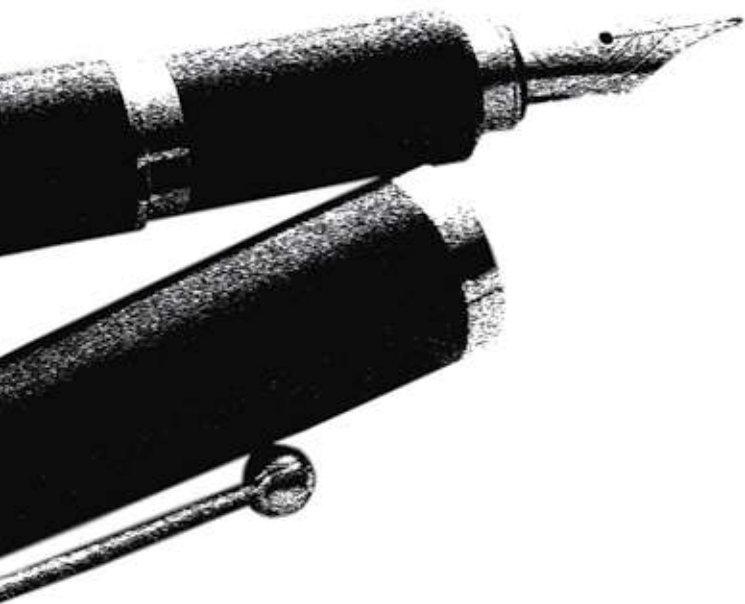




10 Nomes Histórias

10 nomes · 10 histórias

LUSOPRESS



10 Nomes HISTÓRIAS

10 nomes · 10 histórias

LUSOPRESS

5ª Edição

com o Alto Patrocínio



Caixa Geral de Depósitos
FRANCE



*António Moniz
Cônsul Geral de Portugal em França*

Gostaria de felicitar a iniciativa Dez Nomes Dez Histórias, prosseguida nos últimos anos pela Lusopress e que tem como propósito homenagear os portugueses com um percurso exemplar e de destaque nas mais diversas áreas.

Referimo-nos àqueles portugueses que há muito chegaram a França e que com afinco, perseverança, vontade de vencer e muito trabalho, tiveram um percurso de vida notável, tendo conseguido realizar muitos dos seus sonhos e das suas Famílias. Estes portugueses orgulham-nos e merecem toda a nossa consideração, respeito e admiração por tudo aquilo que fizeram e têm feito em prol de Portugal.

Quando olhamos para a sua “história de vida”, apercebemo-nos, em muitos casos, das dificuldades porque passaram, dos obstáculos que tiveram de ultrapassar, das incertezas e dos receios que muitas vezes os assomaram, mas também da sua vontade de ferro em vencer todos os desafios.

Como referi no passado, é muito importante que o exemplo dado pelos mais antigos seja transmitido aos mais jovens, para que melhor compreendam os valores do trabalho, do empreendedorismo e da responsabilidade e para que nunca esqueçam as suas origens e tenham um grande orgulho em serem Portugueses.

Destaco ainda as ações de solidariedade em que muitos destes portugueses foram protagonistas, em que, quando foi necessária dar a mão aos nossos compatriotas em Portugal, os portugueses a residir no estrangeiro estiveram sempre na linha da frente a dar o seu contributo e o seu apoio.

Por outro lado, é importante não esquecer que estes nossos compatriotas que agora nos contam as suas histórias de vida e os seus percursos, são também exemplos da boa integração e de como os portugueses conseguiram conquistar a sociedade francesa, com o seu trabalho e dedicação e com o seu empenho e espírito solidário. Nas várias visitas que sou chamado a realizar na minha área de jurisdição, este tem sido um elemento sempre presente, sendo uma constante a forma elogiosa e reconhecida como as autoridades francesas se referem às Comunidades Portuguesas e Luso-Descendentes. Estes elogios que recebo, e que gostaria de partilhar, são motivo de regozijo e é indubitável a boa imagem que a emigração portuguesa goza atualmente em França. E acrescento que nos últimos anos essa boa imagem só tem melhorado e são agora os nossos amigos franceses que procuram com insistência Portugal e elogiam as nossas cidades, as nossas praias, os nossos monumentos e o nosso património. Felizmente, temos vindo a construir uma imagem de modernidade e inovação. Portugal está hoje, mais do que nunca, apostado em não ficar para trás, enfrentando todos os desafios do futuro com confiança e esperança.

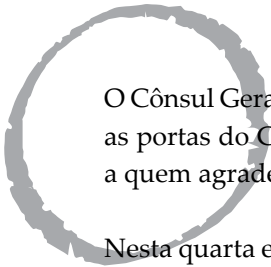
Finalmente apraz-me destacar novamente a relevância da iniciativa 10 Nomes 10 Histórias e o seu contributo para a memória da História da Emigração, um capítulo relevante da História de Portugal e que por vezes não é devidamente considerado. A presente iniciativa da Lusopress é um significativo tributo a essa História, assim espelhando os percursos de vida dos nossos compatriotas que muito lutaram e trabalharam para chegar mais longe, representando verdadeiros exemplos da Portugalidade.

A Lusopress tem assim o mérito de refletir esta realidade, unindo e pondo em destaque um conjunto de portugueses e luso-descendentes oriundos de diversos setores e valorizando a sua ação. Faço assim votos para que a Lusopress continue a fazer História e a destacar estes Portugueses que amam o nosso país e que merecem toda a nossa consideração.

Termino evocando as sábias palavras do nosso Presidente da República, Prof. Doutor Marcelo Rebelo de Sousa, na primeira edição deste livro e que mantêm pleno valor: *“É um testemunho que vale pelos nomes e pelas histórias. Mas que vale, sobretudo, pelos muitos milhares, dezenas, centenas de milhares, para já não dizer milhões que, anonimamente, deixaram marca como trabalhadores, professores, investigadores, pequenos e médios comerciantes e industriais, médicos, enfermeiros, jornalistas, autarcas.”*... *“Gomes de Sá, ao falar de dez, homenageia muitos, muitos mais.”*



Lídia Sales



O Cônsul Geral de Portugal em França, António Moniz, abre pela segunda vez as portas do Consulado para a apresentação do livro 10 Nomes 10 Histórias, a quem agradeço a sempre disponibilidade para todas as nossas iniciativas.

Nesta quarta edição estão mais uma vez transcritas vidas, de quem, para atingir um objectivo muito se esforçou, e se esse era o sucesso, não é sem emoção que os protagonistas relatam a sua história.

Isabel Oliveira fez um périplo por Portugal para recolher os relatos de alguns dos intervenientes, deslocou-se a França com o mesmo fim e depois das 10 histórias escritas coube a João Cazenave paginar a quarta edição. Algumas das fotos o autor foi Wilkerson Alves.

A obra não podia estar acabada sem a colaboração dos atrás nomeados, a quem agradeço mais uma vez o esforço, para que no dia 10 de junho de 2019 seja apresentada ao público.

Um agradecimento muito especial, a S. Ex^a o Senhor Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa, o mentor deste livro.



A história é uma ciência do presente, porque o presente é um reflexo do passado. A relação entre o passado e o presente escreve a história. E a história é feita todos os dias, ela não pára. Todos os dias nós fazemos e construímos história, porque a história é feita por gente como nós, é feita de pequenos actos e acções. A história é viva e está em constante acção. Podemos pensar que cada história tem um início, meio e fim... mas as histórias que aqui contamos ainda estão no auge da acção, embora seja previsível o seu desfecho. Persistência, trabalho e sucesso são as palavras comuns às 10 histórias que apresentamos. Exemplos de vida que, em Portugal ou por este mundo fora, mostraram a garra dos portugueses. Surgiram obstáculos, ultrapassaram-nos. Surgiram desafios, venceram-nos. Surgiram oportunidades, agarraram-nas. São 10 nomes, 10 rostos, que em comum têm o facto de serem exemplo para as próximas gerações.

A Lusopress tem este papel e desempenha-o muito bem. Descobrimos histórias e unimos os portugueses. Esta é já a quarta edição do livro 10 Nomes 10 Histórias, a primeira para mim. Um desafio, sem dúvida, mas vencido. Foi com enorme orgulho e sentimento de admiração que ouvi cada pormenor, cada retrato, cada história de vida. Carlos Matos, Mapril Baptista, Víctor Ferreira, Domingos Silva, Fernando Amorim, Fernando Duarte, Henrique Costa, José Fernandes, Olívia Carvalho e Ramiro Alves são nomes que não irão mais sair da minha memória. Assim como cada sorriso e lágrimas de emoção ao abrir cada baú das memórias.

10 Nomes Histórias

Carlos Matos	pág. 10
Mapril Baptista	pág. 26
Víctor Ferreira	pág. 44
Domíngos Silva	pág. 64
Fernando Amorim	pág. 84
Fernando Duarte	pág. 102
Henrique Costa	pág. 120
José Fernandes	pág. 138
Olívia Carvalho	pág. 156
Ramiro Alves	pág. 174

Carlos Matos

“Desde que nasci, eu nunca olhei para o relógio.
Penso que a sorte dá muito trabalho, e ela tem de nos encontrar a trabalhar”



“Os homens perdem a saúde para juntar dinheiro, depois perdem o dinheiro para recuperar a saúde. E por pensarem ansiosamente no futuro esquecem do presente, de forma que acabam por não viver nem no presente nem no futuro. E vivem como se nunca fossem morrer... e morrem como se nunca tivessem vivido”. Um pedaço de papel com esta ‘lição de vida’ está numa das paredes do escritório de Carlos Matos. Foi ali que nos reunimos para recuar na memória até 1951. O papel discreto, mas simbólico, está perto da saída, sendo inevitável a sua leitura ao passar a porta para o exterior. O equilíbrio entre passado, presente e futuro tem marcado o percurso deste empresário português. Não esquece as suas memórias, vive o dia-a-dia, sem almejar ansiosamente o amanhã. As paredes e as prateleiras do seu escritório dizem muito daquilo que hoje é. Distinções, recortes de jornal, fotografias... a junção de família e trabalho. Homem directo e frontal, características natas que manteve sempre ao longo da vida, mas talvez a experiência as tenham tornado mais vincadas. Foi moço de recados e operário numa fábrica de vidro, dormiu em bairros de lata e bancos de jardim, mas foi uma máquina avariada que lançou Carlos de Matos no mundo dos negócios.

A infância em Carvide

Carvide foi onde nasceu e onde passou as aventuras da sua tenra idade. É uma pequena povoação situada no concelho de Leiria, na margem esquerda do rio Lis, que sempre teve grande influência no desenvolvimento económico e social da freguesia, de tal modo que, para além do mais, os terrenos ribeirinhos foram outrora o maior celeiro de milho do concelho de Leiria. Foi a 11 de Setembro de 1951 que nasceu Carlos Matos, sendo o mais velho de cinco irmãos e uma irmã. O pai era motorista de autocarro e a mãe dividia o seu tempo entre a costura e uma pequena taberna. Carlos cresceu num meio rural, guardava cabras nos montes e corria no meio das valas e dos rios, tomando aí diversos banhos. Uma infância livre e rodeada de natureza. “Saía de casa sem nada comer, mas comia sempre fruta silvestre aqui e acolá, só regressando a casa à noite”. Nunca passou fome, mas sabe que na época não se dava importância ao que hoje se tende a valorizar. “Em 50% do meu tempo andava descalço, não havia essas regras sociais, as prioridades eram outras”. Do mundo rural, Carlos sente saudade da água nada poluída e dos camarões de água doce que pescava. “Fazíamos omeletes entre irmãos”, recorda. Sendo o mais velho, e pela hierarquia, era respeitado pelos irmãos, a quem ensinou a nadar, apesar das reprimendas dos pais. Foi ainda em Carvide que Carlos Matos completou a 4º classe, fez o exame de admissão para poder continuar a estudar, fez o Curso Unificado da Telescola equivalente ao



Carlos Matos com as duas avós



que para uma criança não era habitual. Foi ali que senti que saí debaixo da saia da minha mãe para a vida real”. Carlos ali permaneceu durante seis anos até que, farto de um trabalho repetitivo, quis abraçar uma nova experiência. Durante oito meses foi trabalhar como mecânico na empresa F.H. da Rocha Marques, concessionário da Mercedes Benz. Na esperança de se tornar mecânico, colocaram-no a lavar ferramentas e a transportar peças, não o convencendo também. Voltou para a fábrica de vidros, onde permaneceu até 23 de Junho de 1969.

A ida “a salto” para França

Com 18 anos completos, Carlos Matos não pensou duas vezes e decidiu ir para França. A verdade é que o seu sonho era ser piloto de aviões, pela influência de crescer junto à pista de Monte Real, mas cedo percebeu que esse sonho teria de ficar por terra. O jovem de Leiria nunca tinha ido sequer à capital portuguesa e, por isso, a chegada à capital francesa foi um autêntico choque. Sem mala, ficou estupefacto quando viu a movimenta-

ção da estação de Austerlitz. “Saí de Leiria onde existiam sinaleiros, ainda não havia semáforos, e em Carvide, no meio do campo, não havia nada”. Ainda hoje se lembra da viagem, com percursos a pé e de comboio, sempre evitando que a polícia o interceptasse sob o risco de ser enviado de novo para Portugal. De táxi até à fronteira, seguiram-se 20 quilómetros a pé, entrou no comboio e, na fronteira francesa, o mesmo procedimento. Já em França, o que temia aconteceu: a polícia mandou parar o comboio e todos foram obrigados a passar pela alfândega. Como afirmou querer ir trabalhar e Paris precisava de mão-de-obra, foi permitida a passagem a Carlos Matos e a um amigo que o acompanhou nesta aventura. Num papel, trazia o nome de um conhecido e a cidade de Draveil, na esperança de ser fácil o encontrar. Numa realidade completamente diferente da sua, teve de dormir três dias num banco de jardim, enquanto rastreou a cidade com 30 mil habitantes, procurando o carro do seu amigo, que sabia identificar “porque tinha umas riscas em cima”. As garagens para prédios não o ajudaram na sua missão e pareceu-lhe mais fácil um regresso a Portugal. Na entrada do autocarro de regresso à sua pátria, o motorista não tinha troco para lhe dar e não o deixou embarcar. “Pôs-me fora do autocarro mas, ao sair, vi que quem estava parado atrás na fila do trânsito era o carro que eu procurava”. Um acaso que mudou o destino da vida de Carlos Matos. “Se houvesse troco, nunca tinha ficado na França”.

Adaptação a França

Encontrado o amigo, acabou por instalar-se em Draveil e o primeiro emprego foi como electricista. Não foi fácil, e o famoso Bidonville de Champigny fez também parte da sua vida, embora lá tivesse permanecido por pouco tempo. A França chegou apenas com dois pares de calças e duas camisas, não querendo passar a imagem de emigrante. Instalado na casa do amigo, Carlos Matos decidiu que queria ser electricista. Não é que fosse já um entendido na matéria, mas não se imaginava a trabalhar na construção pura, enfrentando invernos frios e dolorosos. Rapidamente lhe encontraram uma empresa para aprender o ofício e, ao fim de um ano, já era chefe de obra. “Aprendi facilmente o esquema da parte eléctrica”. Foram avançando dias, semanas, meses e Carlos Matos lutava para se adaptar à vida francesa. Habitado a uma família numerosa, encontrava-se sozinho, sem ninguém para conviver e falar, e rapidamente se começou a sentir depressivo. Fartou-se da França e quis vir embora.

A experiência de Moçambique

Cerca de 100 mil portugueses fugiram à tropa, mas Carlos Matos fez precisamente o contrário. Cansado de estar em França, decidiu regressar a Portugal e cumprir o serviço militar obrigatório, que considerava ser um





Carlos Matos com o Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa e com o seu irmão Vítor Matos

dever cívico. “Queria ir para a guerra. Na altura, achei que se durante 500 anos, muitos portugueses morreram para ter o país com democracia e uma certa liberdade, então o meu dever era ir para a tropa. É evidente que não fui eu que provoquei a guerra, mas cumpri a minha obrigação. Sou contra a guerra, pois nunca existiram guerras que nos levassem a algum lado”. Foi incorporado a 24 de Abril de 1973. Obteve o posto de Primeiro-cabo e foi destacado para a guerra em Moçambique, na província de Tete (Cahora Bassa), a 15 de Fevereiro de 1974, onde esteve até 17 de Fevereiro de 1975, tendo



Com Gérald Blonourt

passado à disponibilidade logo depois no mês seguinte de Março. O que para muitos foi uma experiência traumática, para Carlos foi o melhor momento da sua vida. “Em Moçambique, eu tinha a ideia de ir à caça, mas em tempo de guerra o Comandante não deixava ninguém sair sozinho. Tive de assinar um papel como desertor para poder ir, mas consegui ir à caça todo o tempo de guerra”. Depois do serviço militar, Carlos foi taxista durante três meses, tendo de seguida regressado a França, onde voltou a exercer a mesma profissão de electricista.



A derradeira tentativa em França

Carlos Matos voltou para França e foi electricista por uns anos, até que outro acaso o fez empresário, de sucesso. O processo de adaptação ao país gaulês nem sempre se foi desvendando fácil, mas o seu modo de estar na vida fez com que vingasse. “As condições de trabalho em França nunca foram boas, são duras e difíceis. Quem quer fazer a diferença, tem de trabalhar mais que a média. Quem estiver a olhar para o relógio e quiser ser funcionário, ou cumprir só com os seus horários, ga-



na o ordenado mínimo. Quando olho para o relógio, não o faço para contabilizar as horas de trabalho, mas sim porque é o momento de organizar e projectar objectivos. Penso que a sorte dá muito trabalho, e ela tem de nos encontrar a trabalhar. Não adianta estar com lamentações, o que adianta é o trabalho”, explica. Carlos estava agora a trabalhar na mesma empresa de electricidade da qual tinha saído antes do regresso a Portugal. Era uma multinacional, das três maiores empresas do sector em França, tendo lá estado alguns meses antes de se mudar para uma empresa mais pequena, com cerca



de dez funcionários. Nesta altura, uma simples história mudou o rumo da sua vida. Numa obra, encontrou um senhor português, dono de uma empresa de reboco e acabamentos, que tinha a empreitada parada por causa de uma máquina indispensável, que deixara de funcionar. Corria o ano de 1979 e, “ao fim de três dias a desmontar a máquina, em tom de brincadeira, disse-lhe que se ele me pagasse o almoço, eu reparava a máquina. Na verdade, eu não percebia nada da máquina, mas como tinha sido mecânico em Portugal, por curiosidade, decidi ver se seria capaz de a arranjar”. A verdade é que 20 minutos depois a máquina estava a funcionar. Carlos acabou por ir almoçar e, em confiança, o senhor disse-lhe que estando cansado pretendia vender a empresa. O sentido empreendedor de Carlos veio ao de cima e, mesmo sem recursos para tal, mostrou interesse na compra da empresa. “A empresa acabou por fazer

falência antes de ser minha, eu comprei apenas algumas máquinas e fiquei com alguns funcionários. Continuei algumas obras dele, e nomeei a minha empresa com o nome ERA, que existiu durante 20 anos. Tornou-se a maior empresa de reboco e pedra maciça, em França”. A ascensão na sua vida foi assim acontecendo naturalmente. Do menino que chegou a Paris sem mala, tornou-se empresário, comprou o primeiro carro Renault 16, e tem hoje dezenas de automóveis, um avião de 1945 que comprou nos Estados Unidos da América e vários quadros e esculturas.

Um empresário de sucesso

Foi a partir de 1979 que Carlos iniciou a sua actividade como empresário, criando várias empresas em França. De 1979 a 1995 foi sócio maioritário e director presiden-



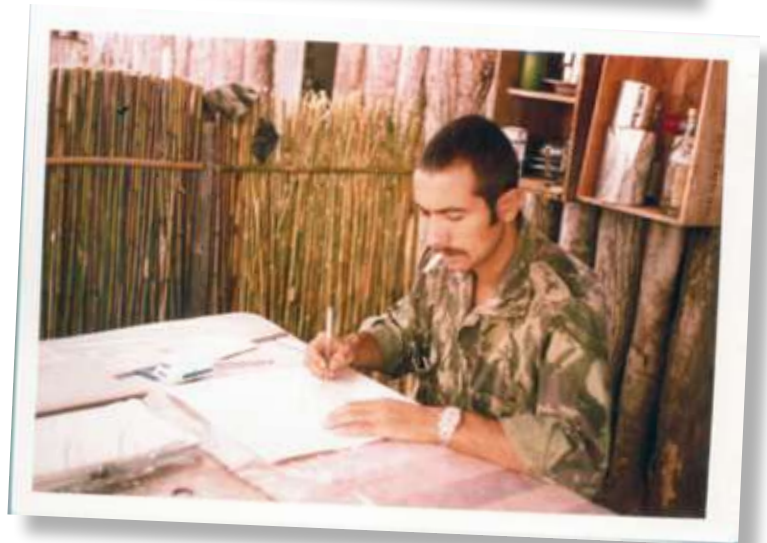
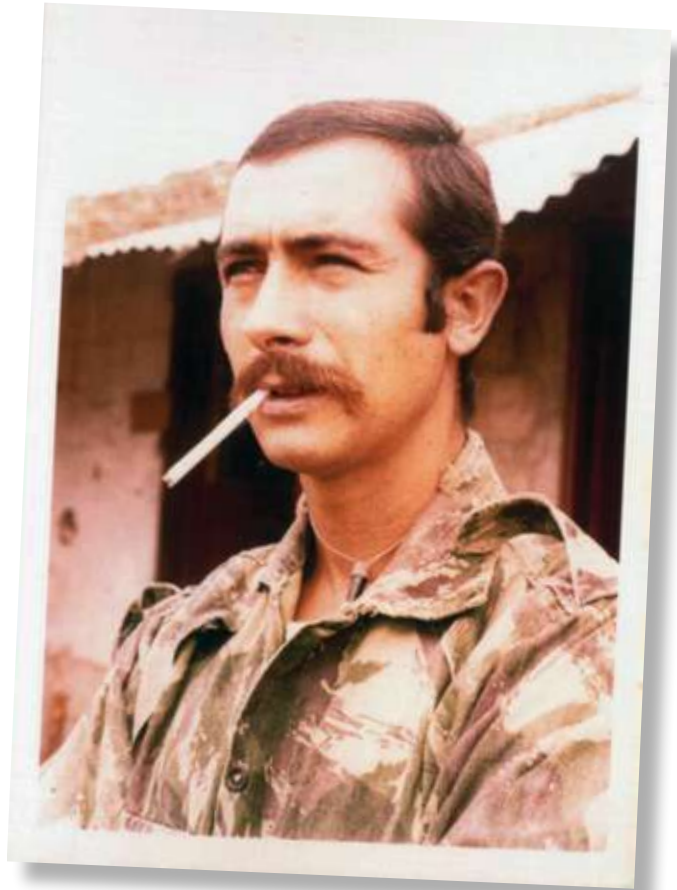
Carlos Matos com o Presidente da CM de Leiria, Raul Castro, na oferta de uma ambulância aos Bombeiros de Ortigosa

te da empresa ERA, com a actividade de reboco, restauros, pedra agrafada e pedra maciça. “Comecei com oito funcionários, mas cheguei a ter 120 e subempregava outros tantos. Com a crise que assolou França nos anos 94 e 95, fiquei com uma dívida de dez milhões de euros, que não me pagaram”. A empresa teve de fechar, mas a actividade de Carlos Matos não parou. Em 1995 criou o Groupe Saint-Germain, empresa que desenvolve operações imobiliárias de habitação, centros comerciais, escritórios e residências na área dos serviços de saúde e noutras áreas. Em 2013 desenvolveu o projecto Paris Ásia, um centro de negócios para estreitar relações comerciais com o Oriente. Não é apenas em França que Carlos Matos é empreendedor. Desde 1985 que começou a investir em Portugal, tendo constituído várias empresas, nomeadamente a IMA - Imobiliária Marinhense em 1985, a Edimat - Edificações em 1990 e a A. B. Matos em 2010, dedicada à produção de vinhos biológicos.

O ser para além do ter

Foi com trabalho, luta e suor que Carlos Matos conseguiu atingir o sucesso no seu percurso profissional. Gosta daquilo que faz e não encara o trabalho como um sacrifício. “Não consigo estar em casa todo o dia parado, tenho sempre projectos para me entreter, saio, trabalho, estou ocupado, e com a mente sempre a funcionar. Não tenho espaços vazios, mas sim objectivos de ir em frente, trabalhar, ir mais longe, seja em França ou em Portugal”. Nem só de trabalho e negócios é feita de Carlos Matos, que privilegia e considera a vida familiar muito importante. Na acção social e humanitária,





organizou e apoiou vários eventos e iniciativas de angariação de fundos para apoio social e humanitário, com destaque para a oferta de três ambulâncias aos bombeiros da Vieira de Leiria, Ortigosa e Maceira. Tem sido um grande defensor da Língua Portuguesa no estrangeiro, por considerar uma importante ponte para o desenvolvimento e cooperação económica e social entre todos os países da CPLP. Tem lutado para que se possa criar um espaço de livre circulação de pessoas e bens pelos Estados-Membros dos países da CPLP, para criar oportunidades para os cidadãos desses países e para promover o desenvolvimento de novas áreas de negócios. Homenageou o atleta Rui Patrício, oferecendo uma estátua à cidade de Leiria pelo valor da Seleção Nacional Portuguesa, pela brilhante vitória da final do Europeu de 2016, que se realizou em Paris, simbolizando assim a capacidade de vencer das comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo e toda a lusofonia. Patrocina também a equipa de futsal Sporting Club Paris, clube

da primeira liga de futsal em França, que já ganhou seis Taças de França e quatro títulos de Campeão de França. Hoje, divide o seu tempo entre França e Portugal, mas gosta de viajar pelo mundo, como meio para perceber melhor a história humana, a natureza, as diversas culturas. Tem interesse e admiração pela história dos mais importantes momentos da memória nacional e pelos monumentos históricos. Uma das suas grandes paixões são carros clássicos, que faz questão de colecionar. Gosta de pescar, de agricultura, viticultura biológica e de gastronomia, área em que privilegia particularmente os produtos de origem biológica, remetendo às suas origens rurais. O seu trabalho é reconhecido, tendo recebido já diversas homenagens e condecorações. Ainda assim, sente que ao longo da sua vida aprendeu mais com as derrotas que teve. “Aprende-se mais com a derrota do que com a vitória, porque com ela vamos tentar entender para sermos mais fortes. Nunca se pode baixar os braços, porque ninguém pode ter só sucessos”.



Mapríl Baptista

“Quando se nasce numa família pobre, estamos sempre a tentar ajudar e a ganhar dinheiro. Sem ele não se faz nada e eu apercebi-me disso muito novo, ainda era uma criança”





Chegou a França na véspera de Natal. Paris parecia um presente e a casa para onde foram morar era como uma dádiva. “Era muito jeitosa comparada com a de Portugal”. Mapril tinha quase sete anos, mas lembra-se perfeitamente da viagem e da chegada. Estava um inverno rigoroso e eles não vinham “muito preparados, nem bem vestidos para o frio”. Começou a estudar numa escola que ficava a três quilómetros de casa, mas aos 12 anos já trabalhava. Aproveitava as quintas-feiras para juntar uns trocos. Era apenas um miúdo, mas já era “desenrascado e tinha lábia”.

Emigrou e foi a ajudar imigrantes que encheu os primeiros bolsos. Ia para a fila do Gabinete da Imigração ajudar os portugueses que não sabiam falar francês. Até chegou a ter uma secretária destacada. Fez passaportes no Consulado para aqueles que precisavam. Chegou a ser o único português que vendia jornais com informações de Portugal na zona e até aos domingos foi para os mercados vender fruta. Já sabia conduzir. Tirar a carta foi apenas uma questão burocrática e foi ao volante de uma ambulância Peugeot 404 que encontrou o caminho para o sucesso. Foram precisos milhares de quilómetros, mas hoje a vida já não vive ao ritmo daquelas urgências. Mapril Baptista entrou na máquina do tempo e conduziu-nos até essa viagem.

Escola velha



“À uma da tarde já tinha os bolsos cheios de moedas”

Mapril Baptista nasceu no Bombarral no dia 16 de Julho de 1956. Cresceu numa casa humilde, situada na aldeia de Casal da Seixosa até aos seis anos de idade. Em dezembro de 1962, saiu pela primeira vez do país. O pai já tinha ido para França. Viajou a salto para procurar trabalho e legalizar a família. Um ano depois, foi a vez da mãe, o irmão mais velho e Mapril se lançarem à estrada. Fizeram 1800 quilómetros à boleia de um amigo polícia e assim passaram por todas as fronteiras sem qualquer problema. Muitos chegavam ilegalmente e tinham de se instalar em barracas, mas os Baptista tiveram a sorte mais risonha. “Nós já tínhamos uma casa oferecida pelo patrão do meu pai. Era uma casa muito jeitosa, comparada com a que nós tínhamos em Portugal”. Ficava em Montfermeil, a três quilómetros da escola. Todos os dias, Mapril e o irmão mais velho saíam às oito menos um quarto. A escola começava às nove, mas à quinta tinham folga. Para Mapril era o dia de arregaçar as mangas e trabalhar.

Tinha apenas 12 anos, mas já ia sozinho até à Porte de La Chapelle. Quando o Gabinete da Imigração abria, “havia sempre filas enormes, de um quilómetro”. Todos eram portugueses que não sabiam falar francês, nem preencher os dados. “Ofereci-me para os ajudar todas as quintas-feiras. Eles arranjaram-me uma secretária e eu ia ajudar os portugueses a tratar dos papéis. Eles davam-me sempre um franco, alguma coisa para me ajudar. À uma da tarde, quando eu saía, já tinha os

bolsos cheios de moedas. Ainda fiz isso durante alguns anos”, recorda. Tinha 14 anos quando deixou de fazer este trabalho no gabinete. Na Prefeitura começaram-se a aperceber que ele ganhava dinheiro e levava muitos portugueses para lá. Foi despedido, mas não ficou por ali. Dedicou-se aos passaportes e fazia a actualização do documento para quem precisava. “Eles davam-me cinco ou dez francos por cada passaporte, por isso comecei logo a ganhar dinheiro. Mais tarde, também vendi jornais portugueses”. Mapril era o único português que vendia jornais com informações de Portugal na zona. Todas as quintas-feiras, ia até uma associação que ficava na Rue du Helder, em Paris 9º, buscar jornais para vender e ficava à porta do Banco Franco Português, à espera do presidente. O doutor Quima chegava às 11h20 e dava-lhe um aperto de mão. Com a autorização dos pais, comprou uma secretária e fez um mini escritório em casa. “A uma certa altura começaram a ser tantos jornais que até vinha uma carrinha entregar, mas antes de me casar, todo o dinheiro que eu ganhava era para dar ao meu pai”, afirma. Quando mudaram de apartamento, o jovem comprou os cortinados, a televisão, o frigorífico e a máquina de lavar para família. Só tinha 14 anos e fazia biscates, mas já trabalhava e ganhava dinheiro como gente grande.

Mapril Baptista sempre quis ser polícia, mas como não tinha nacionalidade francesa, abandonou a ideia. Pensou em ser bombeiro e foi ao volante das ambulâncias

Mapril com a mãe Maria Gertrudes



que acabou por encontrar a sua vocação. Respondeu a um anúncio que procurava um condutor e ficou com o lugar. “Eu sempre gostei muito de carros. Dava-me a sensação que uma ambulância andava mais depressa do que um carro normal. Entrei numa empresa como motorista de ambulâncias em 1976. Nesse mesmo ano, casei com a minha esposa Maria de Lurdes Carruço e o meu primeiro ordenado foram 900 francos”. Foram tempos complicados. O casal tinha acabado de arrendar o primeiro apartamento e só a renda da casa era mais elevada que o seu próprio salário. “Era mesmo um apartamento amoroso para um casalinho acabado de casar, mas tivemos que mudar. Era caro e vimos que não podíamos suportar a renda”, refere Maria de Lurdes.

A primeira de muitas empresas

Em 1977, mudaram para outro apartamento. Tinha o dobro do tamanho, custava metade do preço, mas Mapril ainda precisava de ganhar mais dinheiro. Tiveram três filhos, duas meninas e um menino que aumentaram as responsabilidades diárias do casal. Juntou ao horário de serviço 15 noites por mês de prevenção. Dava-lhe a sensação que “aquela firma estava a ser mal gerida”. Ainda era muito novo ao lado dos patrões, mas encheu o peito de coragem e foi apresentar as suas sugestões para fazer crescer o negócio do transporte de doentes. “Eu disse-lhe que podia multiplicar o rendimento da firma. Ele ficou muito surpreendido porque eu ao lado dele era uma criança. Um mês depois a mulher dele veio ter comigo para saber quais eram as soluções que eu tinha para a empresa deles. Eles ficaram um bocado surpreendidos, mas disseram que eu podia pôr o meu sistema a funcionar”, recorda. Em seis meses, a empresa multiplicou o movimento por três. Logo no segundo mês, o salário de Mapril também aumentou para 1 800 francos. “Já parecia outra firma, não tinha nada a ver”. A confiança estava instalada e percebeu que podia trabalhar por conta própria. Estava na hora de ter a primeira de muitas empresas.

Em 1979, pediu um empréstimo de 50 mil francos, precisou de cinco fiadores e arrancou com o negócio. Em cada terra, havia uma firma de ambulâncias e para a empresa de transportes funcionar sobre rodas, era preciso ser aceite pelos outros empresários. Naquela altura, ainda havia “um racismo evidente em França”. Para





*Maria de Lurdes
e Mapril Baptista
no dia do casamento*



Mapril Baptista junto da sua primeira ambulância

Mapril ainda se tornou mais complicado porque era português. No final, a tal “lábia e desengasco” que mostrava desde miúdo acabou por vencer. “Eu fui bater à porta de todos e disse-lhes que se eles tinham clientes, eu ainda não. Pedi-lhes para eles me darem um cliente para eu levar ao hospital. No dia seguinte, retribuiria a ajuda com outra marcação ou outro cliente. Comecei a

fazer assim e resultou. Ninguém se dava, mas eu dava-me com todos. Tinha amigos em todas as empresas e foi assim que a história da minha empresa começou”. A empresa de transportes de doentes cresceu à velocidade das urgências. Mapril Baptista acabou por recuperar todas as firmas da zona. “Quando eles começaram todos a ir para a reforma, a maior parte deu-me



O casamento da filha mais velha



Mapril com o seu pai, Luís Baptista

os clientes, ou venderam-me as empresas. Aquele com quem eu falava menos, no dia em que fechou, também me veio entregar os clientes todos". Nos anos 90, chegaram a ser 17 e tinha mais de 300 ambulâncias nas estradas. Também tinha "mais de 300 empregados" e geria "a maior empresa de transportes sanitários em França". Apesar de ser responsável por centenas de automóveis

e funcionários, o empresário continuou a transportar doentes. Acompanhava a evolução das doenças, muitas até ao seu final. Cresceu e aprendeu muito. "Se vier a França e se perguntar se conhecem o Baptista das ambulâncias aos portugueses, eu acho que todos conhecem. Já vão mais de 40 anos de trabalho, mas tudo valeu a pena", afirma.

Desde 1984, a esposa também trabalha na empresa. Mapril Baptista pediu-lhe para deixar o trabalho na companhia de seguros e para o ajudar. Maria de Lurdes Carruço confessa que nem sempre é fácil não levar o trabalho para casa, mas há sempre um que tenta fazer esse corte e um ‘amanhã vê-se’ acaba por resolver a situação. “Nós temos uma grande relação de cumplicidade. Somos muito cúmplices um do outro. Um pensa numa coisa e às vezes o outro já sabe do que se trata”. Apesar de ainda manterem o negócio do transporte, em 1999 começaram a vender ambulâncias adaptadas. Actualmente vende 1400 veículos por ano e já pôs 13 mil carros na estrada. A Les Dauphins, fundada em 2003, tem 52% do mercado nacional e 90% da região de Paris. Factura 60 milhões de euros por ano e até na Disneyland Paris, a Minnie e o Mickey já inauguraram as ambulâncias de Mapril Baptista. “Os carros são todos fabricados em Portugal”, numa fábrica onde trabalham 75 funcionários. No total, o grupo dá emprego a 150 pessoas.

“O meu país é a França e também é Portugal”

Mapril Baptista continua a ter dias de trabalho que duram mais de 12 horas. Chegou a ser vice-presidente do Sindicato Nacional, lutou para que houvesse dois profissionais em cada ambulância, procurou revolucionar o seu negócio. Actualmente, abraça novos desafios. Em 2014, deu os primeiros passos na política. É vereador da câmara da cidade onde vive, em Pomponne, e responsável pelo urbanismo e pela protecção do património.





Homenageado na CM da Figueira da Foz



Juntamente com a mulher numa recepção do Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa



Na Embaixada de Portugal em França



Com o amigo Tony Carreira



Todos os meses, viaja até Portugal. Ainda tem negócios, família e casas no país, mas tem sempre um regresso marcado para França. “Eu considero-me francês a cem por cento, mas também me considero português a cem por cento. Hoje, para mim, não há aquele dilema entre França e Portugal. Isso para mim está muito claro na minha cabeça. O meu país é a França e também é Portugal”. Mapril Baptista é simples na tradução dos

seus objectivos e foi essa simplicidade que o fez atingir um patamar de sucesso. Para além de ser empresário, é membro do Lions Club de Montfermeil Coubron, associação sem fins lucrativos. “No meio disto tudo continuo com a minha vida pessoal. A minha esposa, três filhos queridos e seis netos”, confessa o chefe de família. Orgulhoso do seu percurso de vida, o empresário diz-nos que o patamar que atingiu se deve à sua família.



Reconhecimento português

Condecorado com o primeiro prémio Cotec, concurso que premeia produtos inovadores, Mapril recebeu a honrosa distinção pelas mãos do antigo Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva, em Junho de 2013. Recebeu também uma Medalha de Mérito, na altura em que José Cesário ocupava o cargo de Secretário de Es-

tado das Comunidades Portuguesas. Mapril Baptista já foi também reconhecido pelos Municípios da Figueira da Foz e Lourinhã, tendo recebido a Medalha da Cidade, em ambos os casos. O reconhecimento máximo acontece em Dezembro de 2018 ao receber pelas mãos do Embaixador de Portugal em França, as insígnias da Ordem de Mérito, grau de Comendador, da República Portuguesa. “Em primeiro lugar, foi uma surpresa

enorme, não estava à espera. Em mais de 40 anos com empresas, nunca tive uma que tivesse enfraquecido, sempre tive uma quantidade importante de colaboradores e sempre estive ligado e envolvido ao nível de associações. Ao longo de toda a minha vida, não pensei só em ganhar, mas também em distribuir. Isto resume um pouco do que é a minha vida e penso que o Presidente da República tenha considerado que eu merecia o grau de Comendador. É verdade que foi uma surpresa, mas também uma grande alegria, não só para mim, mas também para a minha família e amigos que me rodeiam”, conta. É verdade que agora as insígnias concedem uma responsabilidade maior, mas Mapril Baptista tem as mesmas ideias. “Sinto-me mais responsável a partir do momento em que recebo um grau tão importante, mas continuo sempre com as ideias que tive de tentar ajudar sempre”. A iniciativa partiu de Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente que Mapril muito admira. “Desde que este Presidente foi eleito que sentimos uma diferença grande, é um Presidente muito próximo dos portugueses, não só de Portugal, mas também fora do país. É um Presidente que nos deu um carinho muito grande. Já tínhamos um amor muito grande a Portugal, mas este Presidente chama e cativa muito mais os portugueses de fora para Portugal”.

Todas as homenagens feitas a Mapril Baptista não são em vão. O trabalho benemérito que tem realizado, quer em França como em Portugal, é de realçar. Foram várias as ambulâncias oferecidas ao longo dos anos, destacando-se as ofertas recentes aos Bombeiros de Benavente, aos Bombeiros da Lourinhã, à Associação de Moita dos Ferreiros e aos Bombeiros de Pampilhosa, esta última juntamente com o seu amigo Tony Carreira. Participou também no programa O Preço Certo, apresentado por Fernando Mendes, com o objectivo de ajudar a associação de Moita dos Ferreiros, para além de todo o trabalho desenvolvido no Lions Club de Montfermeil Coubron.



*Mapril Baptista e os amigos
José Martins, Mário Martins
e Manuel Monteiro*



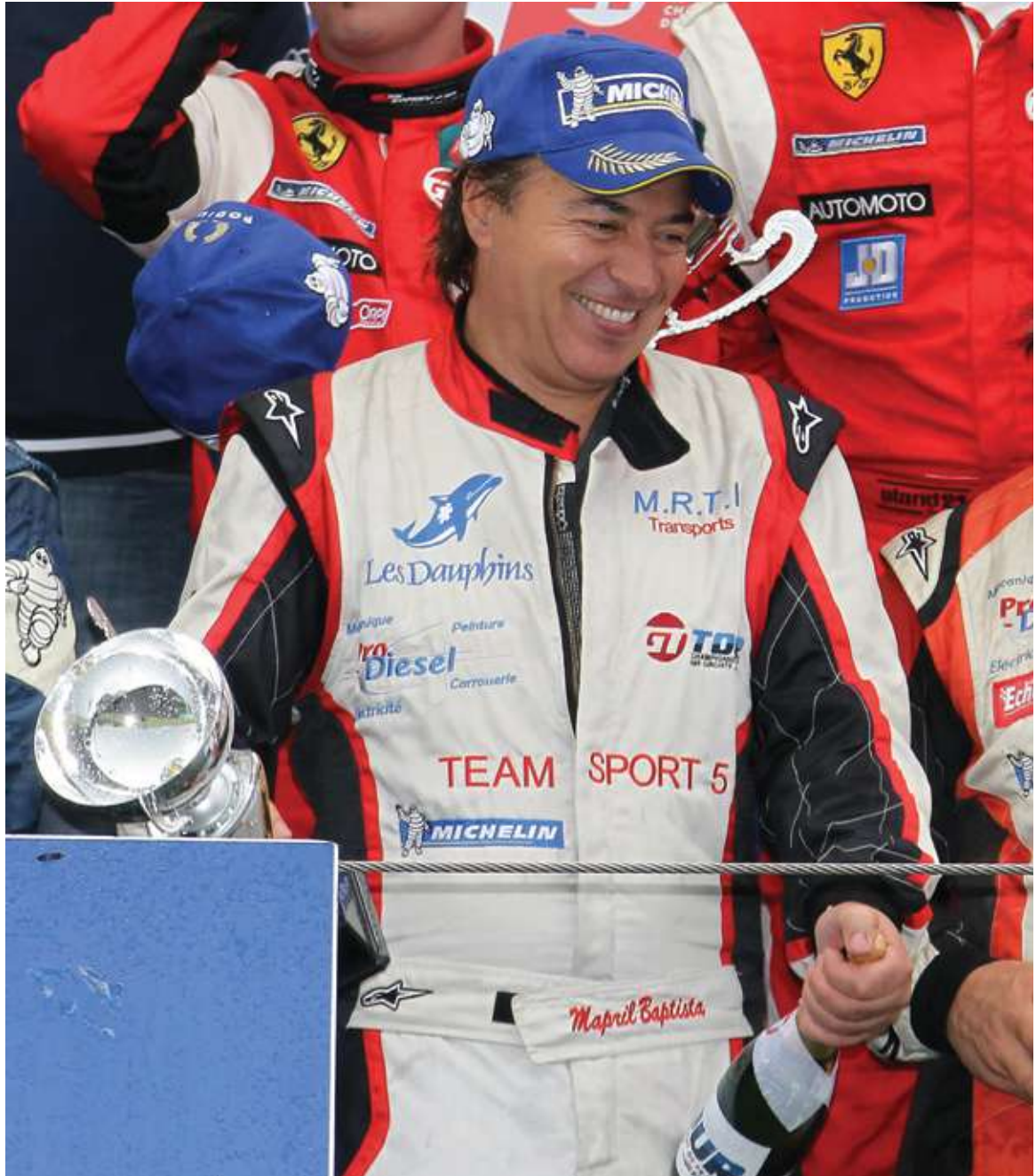
O desafio do Lusitanos de Saint-Maur

Sem medo de desafios, Mapril Baptista abraçou recentemente um novo projecto na sua vida: a presidência da equipa de futebol US Lusitanos Saint-Maur. “Há cerca de três anos que o presidente me contactava no sentido de eu entrar para o clube, mas eu sempre recusei. A minha vida já era tão complicada, que não queria entrar noutra rotina, mas por fim lá acabei por aceitar para não colocar o clube em risco”. É a equipa mais portuguesa de França e, só por isso, a resposta só podia ser positiva. Trabalhando em conjunto com Artur Machado, Mário Martins e Carlos Vinhas Pereira, o objectivo é permitir que o clube se estruture administrativa e desportivamente, para manter a ambição de voltar nos próximos anos ao Campeonato Nacional, o maior nível já alcançado pelo clube na sua história, e tornar-se uma referência e um exemplo

de progressão. “Quem é português ou franco-português e não gosta de futebol? Especialmente o Lusitanos. Lembra-me as minhas origens, o clube existe desde 1966, não foi criado ontem. Temos de respeitar esta história”.

Hoje, Mapril Baptista ainda pratica desporto, tem dezenas de carros de colecção e participa em competições de automóveis GT Tours, tendo participado em corridas com os pilotos David Hallyday, Anthony Beltoise, Olivier Panis, Lonni Martins, José Martins e Mário Martins. Foi também nas pistas que partilhou bons momentos com o seu amigo Manuel Monteiro, falecido no início de 2019. “Um amigo com quem corria, com quem partilhava as minhas férias. Foi um início de ano muito triste”. Hoje, a maior corrida de Mapril continua a ser aquela que o conduziu até ao sucesso. Precisou de milhares de quilómetros para lá chegar, mas hoje pode tirar o pé do acelerador.





Víctor Ferreira

“O mais importante não é o que se come, é com quem se come”





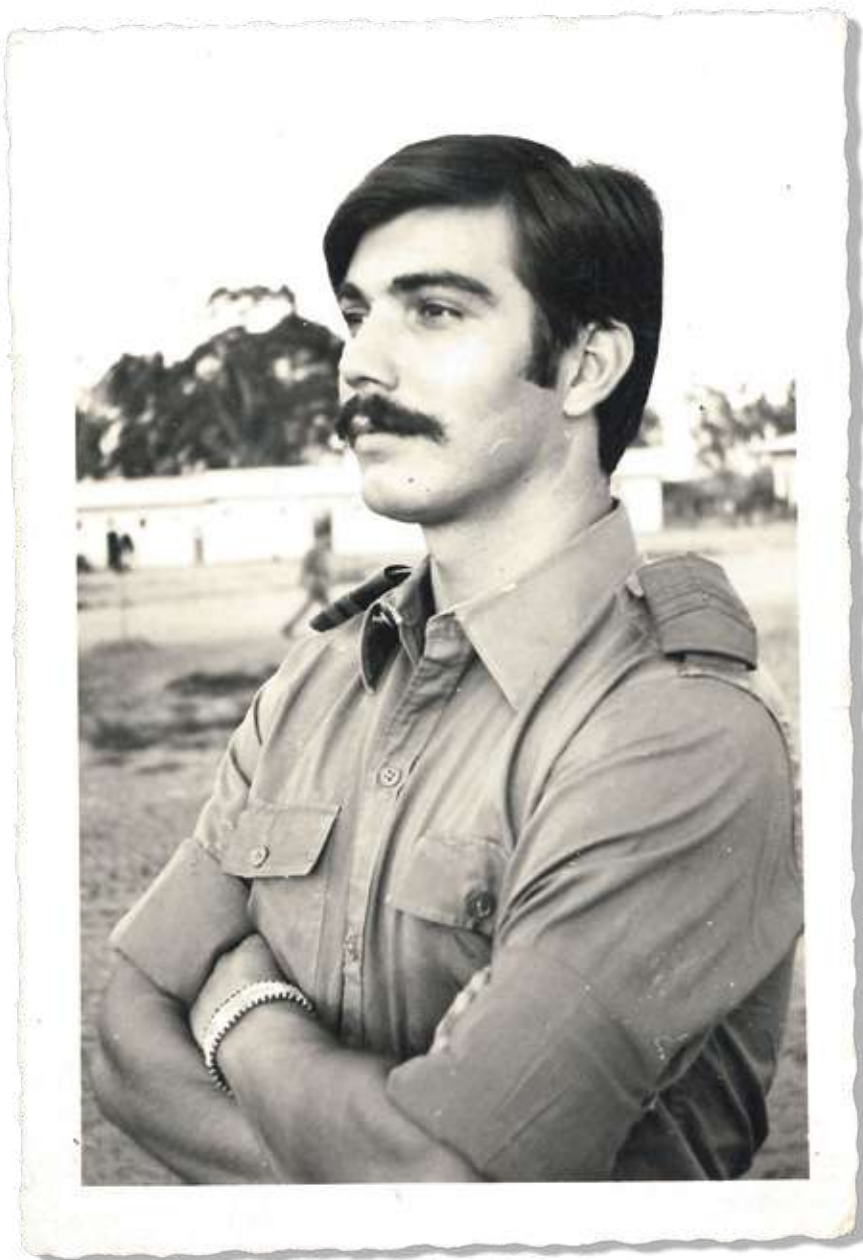
São diferentes as letras, as palavras e as linhas que contam cada história. São diferentes as emoções e os sentimentos que preenchem cada retrato de vida. Há alegria, tristeza, superação e encantamento. Há lágrimas, abraços e profundas palavras sentidas. Cada história é única e singular, apesar de inúmeros pontos que possam convergir. Aqui, cada um tem o seu momento, as suas histórias, as suas lembranças e recordações. Há os sonhos, as metas e os objectivos de vida. Aqui, cada história começa com letra maiúscula e termina com ponto final, mas é apenas a barreira imaginária de cada percurso. Há um contexto que marca o início de cada vida e muito mais ainda a ser partilhado no futuro. Victor Ferreira nasceu em Belém, é o sétimo filho de uma humilde família que procurava diariamente as melhores soluções de sobrevivência. Victor é um exemplo de luta pelo sonho, contrariando vontades, estigmas e preconceitos. Predestinado a seguir a profissão de pedreiro, cedo percebeu que o seu mundo seria a cozinha. Foram os aromas e os sabores que o encantaram e fizeram entrar num conflito pela sua realização pessoal.

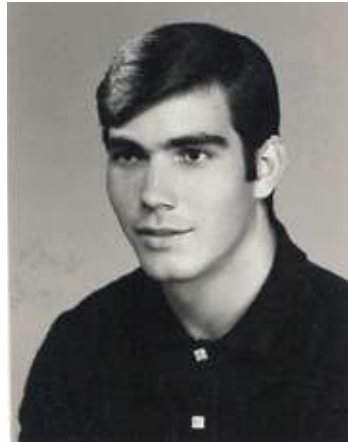


*Filhos e sobrinhos
à volta do pai
José Ferreira:
Henrique, António,
Victor e José Júlio.
Ao colo, Joaquim António*

O sétimo filho

“O sétimo filho” não é nome de filme, apesar de o parecer. É sim o desígnio de Victor Ferreira, facto que marcou a sua existência. O pai, José Ferreira, era natural de Lumiares, uma povoação da freguesia de São Martinho das Chãs, em Armamar, mas foi em Lisboa que conheceu a mãe de Victor, Rosa Cabral, esta natural da região da Guarda. Ainda antes de Victor nascer, a 12 de Maio de 1949, já a família lutava diariamente, passando dificuldades económicas. A vida familiar estava a ser construída na rua da Junqueira, mas a crise na Europa no período pós 2ª Guerra Mundial, obrigou à difícil tomada de decisão da separação da família. A mãe foi com os filhos para a “terra”, enquanto o pai ficava em Lisboa a trabalhar como sapateiro, ofício que aprendeu no serviço militar. De comboio até à Régua, José Ferreira decidiu juntar novamente a família e, durante quatro anos, trabalhou em tudo para a conseguir sustentar. Numa época em que nas aldeias se pagava com fruta, legumes, carne, vinho ou azeite, José Ferreira tinha para troca o que melhor sabia fazer: calçado e botas por medida. Fartos da vida em Lumiares, é para Lisboa que decidem regressar, recuperando a casa na rua da Junqueira, em Belém. No caminho para o Sul vinham mais dois filhos, entretanto nas-





cidos. É neste período mais eufórico e confortável que nasce Victor Ferreira. Orgulha-se de ter sido batizado no Mosteiro dos Jerónimos e de ter tido como padrinho o chef da famosa pastelaria de Belém, um facto que à partida podia ser irrelevante, mas que na realidade se veio a confirmar importante para o desenho do seu futuro.

Uma infância de sobrevivência

Não entra nas suas memórias, mas uma grave e repentina doença assolou Victor Ferreira, tendo-se salvo “por milagre”, como lhe contam. Era pequeno, e para os seus pais era cada vez mais insustentável criar seis filhos (o filho mais velho tinha falecido em bebé), chegando

a existir dias de comida racionada. O pai continuava como sapateiro e a mãe ocupava-se dos filhos. Como na oficina da sapataria não havia muito trabalho, o pai tocava concertina em festas e bailes aos fins-de-semana e reparava as dos outros, amealhando algum dinheiro para a família. Em 1953, com o custo de vida muito alto em Lisboa, José Ferreira decide ir viver para a aldeia do Sobralinho, em Vila Franca de Xira. Era uma região com muita indústria e algumas fábricas de construção, o que lhe permitia voltar a trabalhar como pedreiro e aos filhos mais velhos a procurarem oportunidades nas fábricas. Victor, com apenas quatro anos de idade, não se recorda desta transformação radical e das diferenças entre a capital e o Sobralinho: “não existia luz eléctri-



ca, água canalizada nem esgotos. Encontramos muitas dificuldades, essencialmente quando chegava o Inverno e o meu pai tinha de deixar as obras para trabalhar como sapateiro em casa. Nunca fui completamente feliz porque havia carências”. Em Vila Franca de Xira não existiam as mesmas obrigações sociais que em Lisboa permitindo, por exemplo, que aqui pudessem andar descalços, evitando assim alguns custos adicionais.

Um filho “diferente”

Victor Ferreira foi o único dos seus irmãos a completar a 4ª classe. Gostava da escola e era bom aluno, tendo uma característica sua muito particular: “a matéria

que o professor anunciava, eu estudava muito profundamente em casa e, no dia seguinte, era um autêntico papagaio, como ainda sou hoje”. Terminado o seu percurso escolar, o seu pai era peremptório e só havia um caminho a seguir: ter uma profissão, fosse carpinteiro ou pedreiro. Victor via-se obrigado a ir para as obras ou a negociar com o seu pai algo diferente. Cedo tentou mostrar que nunca daria um bom pedreiro. “Estive dois dias numa obra, mas mandaram-me embora, porque ficou tudo torto”. Ainda tentou por mais vezes, mas a conclusão era sempre a mesma: falta de vocação. Victor estava destinado a ter um futuro diferente dos seus irmãos. Não se encaixava nas ideias do pai e tentava, a todo o custo, contrariá-lo.



Victor e Doroteia no dia do casamento

Do nascimento do irmão ao Maioral

Em 1961, tinha a sua mãe já 50 anos de idade, surge o último filho da família. Não planeado, e pelo avançar da idade, exigia que a gravidez fosse controlada e seguida no Hospital de Vila Franca de Xira, onde tinham fixado residência em 1960. Victor começa a ter um papel preponderante junto da sua mãe, sendo a sua companhia em todas visitas ao hospital. Tinha 12 anos, via nascer o seu irmão mais novo, e continuava a acompanhar a mãe ao hospital, já depois do parto. É numa destas visitas que a sua vida ganha um novo rumo e uma nova alma. Num dos corredores do hospital cruzam-se com a cozinheira do Restaurante o Maioral, que tinha partido a cabeça e estava a ser tratada. Em conversa, sugeriu que Victor visitasse o restaurante, para nele trabalhar. Corria o ano 1962 quando se apresentou neste famoso restaurante e teve o primeiro contacto com a paixão da sua vida. Era o começo de uma longa e apaixonante carreira na restauração, embora com um início atribulado. “Vestia-me com uma farda de maioral, tradição do Ribatejo, e estava à porta a receber os clientes. Desde o primeiro dia em que entrei naquela cozinha, comecei a sentir os aromas, as especiarias e senti que era aquilo que eu queria fazer. A paixão foi nesse dia. Senti-me tão feliz ao ver aquele vai e vem dos empregados de mesa, a cozinheira bem organizada”. Inicialmente, o pai de Victor até consentiu e achou graça ver o filho à porta do restaurante mais chique de Vila Franca de Xira, tanto mais que pela sua simpatia tinha conseguido que um cliente proprietário de uma vacaria oferecesse o leite

necessário para o seu irmão acabado de nascer. Ainda assim, o futuro de Victor, na perspectiva do seu pai, estava traçado: trabalhar com ele nas obras, aprender o ofício de pedreiro, uma profissão honrada e bem paga, no seu pensamento.

Fechar uma porta, abrir uma janela

A aventura no Maioral durou apenas um verão e o facto de não ter ordenado não ajudou a convencer o progenitor. Teve de voltar para junto do pai, nas obras, antes de se aventurar numa nova aventura na restauração. “Cozinha é para as mulheres, serviço é para os criados, e na nossa família não há criados”, era a resposta recorrente que ouvia e o fazia desanimar. Durante o Verão via-se obrigado a trabalhar nas obras com o pai, mas aproximando-se o Inverno ia aproveitando algumas oportunidades em cafés e restaurantes. “Foi um choque de ideias muito grande, um miúdo com 14 anos não podia desobedecer ao pai e, ser frontal, era considerado desobediência”. O futebol era outra paixão de Victor Ferreira. “O trabalho nas obras só tinha interesse por não trabalhar aos domingos, o que me permitia jogar à bola no clube do bairro do Bom Retiro, do qual o meu pai era simpatizante”. Uma zanga com um dos dirigentes do clube, levaram José Ferreira a impedir Victor de voltar a jogar, por vingança. O seu espírito “inquieta” falava mais alto, levando-o a ir jogar num domingo, às escondidas do seu pai. Esse momento marcaria a sua vida. José Ferreira, vindo a saber da verdade, toma a decisão de expulsar o filho de casa. Já passava da meia-



-noite e Victor Ferreira via o chão fugir. “Nessa noite, passada no último patamar do prédio em cima da pedra fria, um outro mundo se abria para eu conquistar. Só havia duas soluções: ou bater à porta de um irmão e pedir agasalho ou partir à conquista da minha independência, começando a minha carreira profissional. Voltar para casa não era solução”.

Bar Tagide: o porto de abrigo

Sem dinheiro, sem ter onde comer e dormir, tomou a difícil decisão de não recorrer aos irmãos. Procurou um antigo colega, proprietário do Bar Tagide, no Jardim de Vila Franca de Xira, a quem propôs trabalhar gratuitamente em troca de dormida num colchão atrás do balcão, comida e roupa lavada, até encontrar uma solução. Durou um mês, tempo suficiente para juntar dinheiro de gorjetas para sapatos e roupa. Seguiu-se o restaurante Bambi, a única casa aberta 24 horas em Vila Franca de Xira, o local ideal para alguém na situação de Victor Ferreira: bom salário, cama e roupa lavada e a possibilidade de aprender a cozinha regional portuguesa e técnicas de serviço. Aqui aprendeu a cozinhar e sentia-se realizado. Em segredo, enviava dinheiro para a mãe até ao momento em que o pai, com um escândalo, fez com que o despedissem. Podia ser o fim do sonho, mas baixar os braços nunca esteve na cabeça de Victor. Fazer o que realmente queria e gostava era o que ambicionava.

Degrau a degrau até à Escola Hoteleira

Abriu-se as portas de um restaurante na Azambuja, mais longe de casa, o que lhe transmitia alguma tranquilidade. “Azambuja foi um despertar da minha consciência, através do movimento da juventude operária católica, que me abriu portas, mas também o meu trabalho na cervejaria confirmava a minha grande paixão pela cozinha e pelo serviço. Nas pequenas vilas toda a gente se conhece e se respeita, e era a primeira vez que me apreciavam como pessoa e como profissional, já era olhado como um homem, apesar dos meus 16 anos de idade”. Victor deu um passo em frente e foi trabalhar para a Estalagem da Rainha, uma etapa importante para o sucesso. “1966 foi um ano decisivo, pela primeira vez sou inscrito no Sindicato da Indústria Hoteleira, que marca o começo oficial da minha carreira”. O gosto pelo sol e pelo mar levaram-no a rumar até ao Hotel Mar e Sol, em São Pedro de Moel, onde ali viveu o melhor da sua existência até 1967. “Clientela excepcional e uma grande equipa, em menor escala no Inverno, onde fazíamos todos os trabalhos: cozinha, serviço, pinturas, tudo o que fosse necessário. Pode parecer pouco interessante, mas foi de uma grande riqueza para que eu conhecesse todos os serviços de um hotel, revelando-se muito útil na minha carreira”. O hotel foi o ponto de partida para uma grande carreira na restauração de luxo. Viajou com clientes, conheceu lugares novos, teve novas experiên-



*Almoço com os sogros
Antônio Serafim e Maria do Céu,
com a mulher Doroteia e a filha Sónia*



*Jardim de Vila Franca de Xira
Doroteia, Sónia, a mãe Rosa Cabral e os sobrinhos Pedro e Ana Loureiro*



cias. Aqui conheceu um casal alemão, judeu, que viria a ser padrinhos de casamento. Victor fazia-lhes a tradução dos jornais sobre a Guerra de Israel e criava assim uma grande amizade. Victor já falava bem francês, e era admirador da cultura, da história e da poesia francesa. Com 17 anos, em 1968, participa num concurso de bolsas e acaba por entrar na Escola Hoteleira de Portugal, em Lisboa, com uma bolsa de estudo concedida pelo Ministério do Turismo. Regressou a casa, com a condição de pagar o próprio quarto aos pais, e trabalhava aos fins-de-semana na Estalagem do Gado Bravo, para conseguir suportar as despesas de transporte e alimentação. Durante um ano e meio, Victor Ferreira estudou tudo o que “é essencial para a educação de uma pessoa na área do serviço. Não se aprende a cozinhar, porque isso é com a prática nas cozinhas. Aprende-se a receber e as técnicas do serviço, que variam com os métodos dos hotéis, aprende-se a construir o castelo da sua pro-



fissão. Quando se está a confeccionar uma receita não é só pegar nos condimentos e na matéria-prima, é conhecer a história, as origens e, a partir daí, liberta-se a sua paixão”. Com o diploma na mão, espera-lhe quatro meses de estágio gratuitos num hotel à sua escolha.

“O ódio que gerou o amor”

A abertura do Hotel Diplomático suscitou o interesse de Victor, que prontamente se dirigiu entregando a sua carta para estágio. Na recepção esperava-o uma encantadora rapariga, Doroteia, que viria a tornar-se a companheira da sua vida. “Ela detestava-me, achava-me vaidoso e que tinha reacções de superioridade para com ela, insuportável, tanto mais que o seu posto era superior, mas depois consegui convencê-la e dei-lhe a volta, fazendo-lhe corte”. Casaram a 24 de Maio de 1970 e foram viver para o Cacém. Decidiram, para o bem do



*Victor Ferreira com o Presidente da República
Marcelo Rebelo de Sousa, aquando da sua distinção
Português de Valor 2018*

casal, não trabalharem juntos depois do casamento. E assim foi. Doroteia foi para o Hotel Mundial, mas meses depois Victor era destacado para o serviço militar em Angola. Foram dois anos e meio de serviço onde, a pedido do comandante, apesar de não ser a sua especialidade, participa na criação de um restaurante e dirigiu a messe dos oficiais no leste de Angola. Já em Luanda, nos últimos seis meses de missão, foi destacado como chef de cozinha em casa do Comandante da Região Militar de Luanda e teve autorização especial para trabalhar no Hotel Trópico como Escanção. “A minha guerra foi gastronómica. Não andei com uma arma atrás de ninguém, só para exercícios”. Neste período, Doroteia foi para a companhia dos seus pais, em França.

Ascensão profissional

Regressa a Lisboa em 1973 e no ano seguinte era o mais jovem chefe de turno a trabalhar num hotel de cinco estrelas, o Hotel Altis, com a carteira profissional de primeira classe e com exame de chefe de vinhos e de língua francesa averbados. “Entretanto deu-se o 25 de Abril e despertou em mim outras vocações que estavam desconhecidas, que era a de participar activamente na militância sindical. Um jovem como eu, que tinha ideias correctas, que se expressava bem, votavam em mim para ser delegado sindical no Hotel Altis e membro da comissão de trabalhadores. Como o hotel estava em co-gestão, fui também eleito para a comissão de controle operário”. Como benévolo, fez parte do serviço dos conflitos de trabalho no Sindicato da Hotelaria



de Lisboa e participou junto da Intersindical na organização do 1º de Maio de 1975. No final de 75, por razões profissionais e evolução de carreira, solicitou um ano sem vencimento à direcção do hotel e foi para França trabalhar no Hotel Château Frontenac.



Um percurso singular em França

A ideia inicial de um percurso temporário em França rapidamente se desfez numa estada definitiva. Profissionalmente, conheceu um desenvolvimento enorme para a sua época nos hotéis de luxo por onde passou, chegando a chefe de serviço muito rapidamente. Per-

maneceu no Hotel Frontenac até 1978, altura em que é designado adjunto da direcção geral, como responsável de restauração, no L'Hôtel des Beaux Arts. Em 1980 chega a director do restaurante Le Jardim do Hotel Palace Royal Monceau. Em 1986, onze anos depois da



sua chegada a França decide deixar os hotéis de luxo, embarcando numa nova aventura. Integra o grupo francês Accor, líder na restauração, com a missão de formar equipas para intervir na assistência a restaurantes em dificuldade. “Eu sempre geri melhor o dinheiro dos outros que o meu próprio dinheiro. Trabalhar para os outros para mim era extraordinário, porque tinha limites que não podia ultrapassar e decisões a tomar”, por isso Victor vacilava em ter o seu próprio projecto. Sentia-se realizado, mas foi no contexto do grupo Accor que surgiu uma missão no restaurante de luxo La Safranée sur Mer, que estaria em risco de fechar por falta de rentabilidade. Entrou em 1986 como técnico, e saiu apenas em 2011 como proprietário, depois de em 2001 ter negociado a compra do restaurante para evitar o seu encerra-



mento. “O maior gozo que tive no Safranée foi, ao fim de 26 anos, ter conseguido ter os franceses a comer à maneira portuguesa. Não é comer pratos portugueses, é comer à maneira portuguesa. Comecei a inserir o azeite na mesa, coisa que não acontecia, a relacionar a técnica francesa com sabores portugueses”.

O pilar da família

Victor Ferreira construiu um percurso profissional de sucesso, fazendo diariamente aquilo que o apaixonava: a arte da cozinha e de bem servir. Marcou o seu nome nos restaurantes e hotéis de luxo em Paris, mas ao seu lado teve a esposa Doroteia, que sempre o apoiou. Doroteia Andrade deixou a área do turismo e, em França,



começou por trabalhar num laboratório de medicamentos farmacêuticos. Em 1986 nasce a “tão esperada” filha Sónia, passando a ser o centro da atenção do casal. Doroteia, com um curso de contabilidade em Portugal, passa a ajudar o marido Victor na contabilidade do restaurante La Safranée sur Mer, até à venda do mesmo.

A vida associativa

Com uma vida mergulhada em hotéis de luxo, para Victor Ferreira voltar à realidade tinha de ter um forte contacto com a sociedade exterior. Viu no meio associativo essa fuga. “Ia para as associações e isso dava-me a possibilidade de sair de um hotel onde me davam mil francos de gorjeta para um local onde servia copos de vinho”. Tornou-se sócio e presidente do Clube Juvenil Português de Paris 11, foi um dos fundadores e conselheiros do CCPF, representou a região de Paris no primeiro Congresso das Comunidades, realizado em Paris e integrou vários grupos de trabalho associativo para o

ensino do português nas escolas francesas. Uma vida preenchida, mas o que realmente ocupava o seu coração era sua profissão. Ainda hoje, já na reforma, sabe que teve uma vida muito rica. “Quem tem a felicidade de fazer o que quer e gosta e, ao fim destes anos todos, ainda há gente que fala da Safranée como se fosse ontem, isso não tem explicação”. Tem amigos por todo o lado, inclusive na Tunísia, onde passou férias durante 15 anos. Homem tranquilo e apaixonado pela vida, Victor Ferreira é amado por todos os que o rodeiam. Em 2018 foi distinguido como Português de Valor pela Lusopress, momento que o marcou. “Foi mais importante ver e sentir aquelas pessoas todas a aplaudir e chamar o meu nome do que o próprio trofeu”.

Ainda hoje, Victor Ferreira entra numa cozinha, fecha os olhos, sente o fervilhar do azeite, os aromas no ar e apaixonona-se. A emoção pela cozinha continua eterna, o que o leva a cozinhar regularmente para os amigos da sua vida Rogério Vieira e Nuno Cabeleira, porque “o mais importante não é o que se come, é com quem se come”.



*Victor Ferreira a cozinhar para os seus amigos
Rogério Vieira e Nuno Cabeleira*

Domíngos Silva

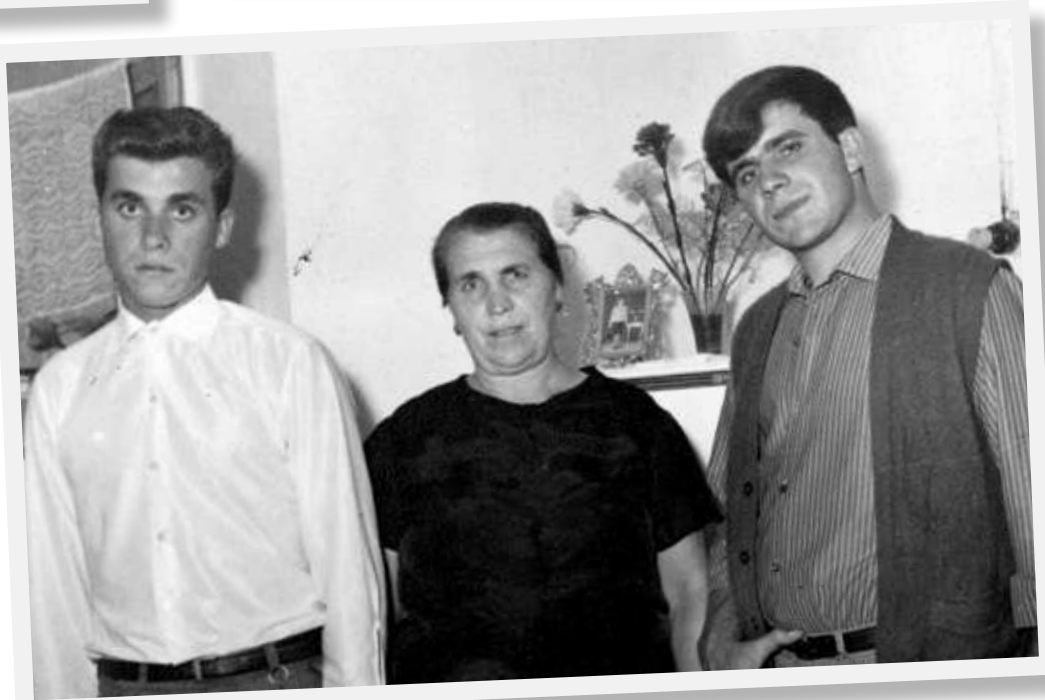
“Uma pessoa lutadora e honesta triunfa em qualquer parte do mundo,
desde que esse seja o seu objectivo”





D

Darque é o ponto de partida para mergulhar nestas páginas, cujas raízes históricas se submergem à civilização celta. A vila sempre esteve ligada ao rio, no qual se vê reflectida em espelho... a excelência do seu património construído e natural, a preservação da sua matriz identitária, o orgulho de pertença a um território único e singular onde apetece viver. Foi aqui que nasceu um homem que não se identifica a nenhum modelo, sempre pretendeu ser um autodidacta que se formou à força do trabalho e que deve a ele próprio aquilo que é hoje. Define-se como um homem de honra e carácter e considera que o sucesso é uma questão de personalidade. “Uma pessoa lutadora e honesta triunfa em qualquer parte do mundo, desde que esse seja o seu objectivo”. Domingos Silva tem em Darque a sua vida e é a partir daqui que o nome Móveis Carla parte em diferentes direcções.



*Domingos com a mãe
e o irmão mais velho*

As construções de madeira

No dia 4 de Março de 1948 nascia Domingos Silva, o terceiro filho de Adriano e Maria da Conceição. Residentes em Darque, foi aqui que viveu as primeiras memórias da sua infância. O pai trabalhava com as madeiras e talvez tenha vindo daí o seu gosto pelas construções. Jogar à bola não era a brincadeira que o chamava à atenção. Vê-lo feliz era reunir pedaços de madeira e fazer construções. De barcos a motas, Domingos Silva era um criador e isso dava-lhe um especial prazer. O rio Lima testemunhou as suas criações, muitas afundadas por falta de materiais, mas à imagem da inocência de uma criança. A família passava algumas necessidades e o pai teve de partir. Partiu para Angola, sem anúncio prévio ao filho, mas que guarda na memória o momento da marcante despedida. “Numa tarde de Domingo, um tio foi-se despedir do meu pai e levou a sua bicicleta que a encostou à parede da nossa casa. Eu vim brincar com ela, e ainda hoje registo o som dos pedais a rolar no sentido oposto. Achei piada ao barulho. O meu pai reparou em mim e veio-me dar um beijo. Só mais tarde me apercebi que tinha sido uma despedida, que ele tinha ido para África”.





Momentos passados em Angola



A partida para Angola

Tinha três anos quando o pai partiu em busca de uma vida melhor para a família. Em Darque, a mãe tentava ser o suporte pelos dois. Domingos fez o seu percurso na escola tendo concluído a 4ª classe. Colocou-se a possibilidade de admissão ao liceu, mas rapidamente percebeu não ser possível. O pai tinha adoecido em Angola e a situação financeira familiar agravava-se. Com 12 anos, Domingos tinha o sonho de ser mecânico de aviões. “Perceber a fórmula como aquele objecto se sus-

pendia no ar e se movimentava” era o que o fascinava. O seu sonho não ganhou asas, nunca chegando a descolar. Impunha-se ajudar a família, e emigrar para Angola foi a solução encontrada. Com 12 anos são muitos os sonhos, ambições e projectos de vida... mas tudo ficava em pausa, para quem sabe num futuro se tirar da gaveta. “Meteram-me num barco em Lisboa, o Pátria, a viagem durou oito dias. Ao chegar à Madeira, senti enjoos marítimos e, na minha inocência, pensei que ia



morrer. Foi muito duro”. Angola esperava um menino cheio de vontade de ajudar a mãe. Embora o pai ainda permanecesse na antiga colónia portuguesa, estando no interior de Angola, Domingos ficou sozinho na cidade de Luanda. Aqui teve de se instalar, adaptar e começar a construir a sua vida. Foram apenas duas as vezes que Domingos voltou a ver o pai. A distância, as vias de transporte e o custo eram impeditivos para que se vissem com mais regularidade.



O menino que virou adulto

Foi no comércio de balcão que Domingos Silva começou a trabalhar, com direito a salário e alojamento dos patrões. Condições boas para uma “ainda” criança, até que quatro anos depois da sua chegada ao continente africano, um trágico acidente acontece e altera o rumo da sua vida. “O meu pai faleceu num acidente com corte de árvores, e a minha mãe decidiu vir para junto de mim, com os meus irmãos e um cunhado. Quando recebi a notícia de que a minha família ia embarcar a bordo do Príncipe Perfeito para Luanda, caiu-me o mundo em cima. Uma criança com 16 anos, sem pai, passou a ter a responsabilidade de receber uma família. Era muito sério, mas eu dei a volta”. Domingos conseguiu alugar uma casa, comprar camas, mesas e fogão e ter as mínimas condições para aí habitarem. Para além do seu emprego no comércio, Domingos encontrou alternativas que o ajudassem a ter um ordenado mais sólido para sustentar a família. “Decorava montras, trabalhava à noite no cinema, mas tinha de conseguir”. Com 18 anos, e já com carta de condução de pesados, ingressa profissionalmente na Coca-Cola. Foram seis anos intensos de trabalho, tendo começado como vendedor e saído com a função de relações públicas. “Foi uma grande experiência de vida”.

O casamento em Angola

É o dia que ninguém esquece, e também Domingos Silva mantém até hoje na memória. Casou-se a 20 de Março de 1971 com Isabel Silva, natural de Espinho, mas também a residir em Angola. Sabe que foi a mulher certa, a companheira da sua vida até hoje. “Consegui fazer um casamento bastante simpático, atendendo que tinha muitos amigos e colegas, derivado do meu emprego na Coca-Cola. Por força das circunstâncias, foi festa para 200 pessoas. Sentia-me orgulhoso porque toda a gente ficou feliz e eu, sem sogro e sem pai, sem ninguém que ajudasse, consegui fazer tudo sozinho”. Foi com as suas economias que o conseguiu, em tenra idade, pagar o casamento e mobilar a casa para o casal. Mas na sua memória perdura até hoje o dia seguinte ao casamento, não pelos melhores motivos. Domingos quis oferecer um almoço à sua agora esposa, coisa nunca conseguida em solteiro. Pediu o carro emprestado ao irmão e foram em direcção ao restaurante Leão, frequentado apenas por pessoas com dinheiro. “Nessa noite tinha chovido imenso, as ruas estavam alagadas e a cidade não tinha saneamentos preparados para uma tempestade daquelas. No caminho, não me consegui desviar de todos os buracos e caí num. Quando a minha esposa saiu do carro transformou o seu vestido e sapatos brancos em cor



No dia do seu casamento com Isabel Silva



de barro. Ao sermos rebocados pelo meu cunhado, pela humidade do carro os travões não obedeceram e bate-mos nas traseiras da carrinha. Conclusão: não almoçamos, ficamos todos sujos e com o carro estragado. Está na memória como um grande desgosto”.

Uma nova vida em Portugal

Com a Revolução dos Cravos em Portugal, em 1974, Angola torna-se independente e Domingos começa a perceber que o Ultramar deixava de ser futuro, pela insegurança que ia surgindo nas ruas. As facções, di-

visões e a guerra civil transmitiam-lhe instabilidade. Domingos conseguiu que o fundo cambial fizesse uma transferência de 119 mil escudos, dinheiro fruto do seu trabalho, que resolveu vir colocá-lo em Portugal. Veio, mas sempre com a ideia de regressar a Angola. O regresso aconteceu, mas apenas para trazer a família para Portugal e aqui começar uma nova vida. Já com dois filhos - a Carla e o Ricardo - o medo falou mais alto e era necessária protecção para os seus mais queridos. Tinha 27 anos, regressou a Darque e aqui tentava começar de novo. “Angola pertencia a Portugal e foi o local que tínhamos encontrado para sobreviver. Não era um país



para enriquecer, mas éramos lá muito felizes. O clima, as pessoas, as suas riquezas naturais, tudo isso era rico. Depois, foi preciso passar por uma adaptação a Portugal”.

Não virar a cara à luta

Adaptação complicada. O início de vida em Portugal não foi fácil para Domingos Silva. Não estava filiado a nenhum partido, numa época de plena actividade política, e ninguém lhe dava emprego. As suas habilitações, experiência e saber-fazer não foram suficientes para encontrar uma oportunidade de trabalho. Decidiu

fazer feiras vendendo loiças, e assim começou a uma sexta-feira, dia 13 de Novembro de 1974. Foi a sua força de vontade e empreendedorismo que lhe permitiu ter o que hoje tem, com progresso e crescimento ao longo da vida. Das feiras rapidamente decidiu abrir a sua loja, Prolar Loiças, vendendo tudo o que era enxoval e artigos de casa, fossem porcelanas, artigos Vista Alegre, plásticos e alumínio. O sucesso era evidente, mas as circunstâncias locais exigiam um crescimento no negócio. As clientes pediam artigos mobiliários e outros acessórios, que Domingos Silva passou a comercializar para responder às solicitações do mercado, com uma

nova loja. “A ideia inicial era começar apenas com arcas, mas quando abri a loja entusiasmei-me e decidi ter todo o tipo de mobiliário”. Foi assim o início da empresa Móveis Carla. Ainda manteve os dois setores - loiças e mobiliário - durante cinco anos, mas seriam os móveis a grande aposta de futuro. Muitas das suas clientes trabalhavam numa fábrica têxtil, a par da Estrada Nacional em Darque, que acabou por falir e fechar. É neste momento, em 1999, que Domingos compra essas instalações e as transforma no grande armazém expositor Móveis Carla. Foi a sua forma séria de trabalhar que fez de Domingos Silva um empresário reconhecido e dos Móveis Carla uma empresa de referência. De Darque, a empresa expandiu-se fisicamente até Valença e Barcelos. A quebra nas vendas registada em Portugal obrigou Domingos a “emigrar”, abrindo uma loja física em Paris, no ano 2014. Países como França, Suíça, Luxemburgo e Bélgica eram já clientes assíduos, ajudando muito no crescimento da empresa, mas esta expansão física impunha-se. “Investi numa loja em Brie-Comte-Robert porque já éramos 26 pessoas e não queria despedir ninguém”. Em 2015 a expansão é maior, chegando a Angola, o país que assistiu ao crescimento de Domingos Silva.







No casamento do seu filho Ricardo

Um homem realizado

Não foi mecânico de aviões e talvez, por isso, tenha encontrado a sua realização profissional mais tarde. Foi com 27 anos que se sentiu encontrado profissionalmente, pelo desafio e pela aposta num negócio que não é rotineiro. “Há o desafio da aposta em determinados modelos e esperamos a resposta do mercado”. Foi com nostalgia, mas acima de tudo com uma calma e paz de espírito que Domingos Silva abriu o seu baú de memórias. Um percurso feliz, que não seria o mesmo sem a

sua companheira de vida. “Sempre foi uma boa esposa, uma excelente mãe e ajudou-me muito”. Carla e Ricardo, os filhos do casal, não quiseram seguir uma formação superior, optando por dar continuidade ao negócio familiar. “Eu aceitei o pedido deles, até porque eu tinha a certeza que se não tivesse seguidores, possivelmente não estaria a fazer investimentos como fiz. Os filhos quiseram e foi uma boa aposta. A Carla dedica-se à parte comercial e o Ricardo à expedição”. Apesar de



O núcleo familiar de Domingos



a idade ir avançando, Domingos Silva ainda continua a gerir a empresa, trabalhando diariamente com amor e carinho. Hoje, é também aos netos que dedica parte do seu tempo, tentando fazer com muitos eles o que não conseguiu com os filhos. É um homem com os pés assentes no chão, nunca tendo feito muito planos ao longo



Domingos Silveira com o Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa

da sua vida. “Aceito cada momento do dia. Em relação àquilo que se vê de uma pessoa que não herdou património, sinto que o que fiz foi bem feito. Não sou homem de grandes ambições, vivo o meu dia-a-dia com felicidade, conforto, tento sempre respeitar o meu semelhante, não passo por cima de ninguém. Honro e respeito aquilo que se conversa e se combina. Isso faz de mim um homem muito feliz”. Recentemente, fez um tour por África do Sul, Moçambique e Angola, encontrando em todos os países pessoas amigas que o abraçaram. Esses abraços, conta, “são a prova que sempre fui um homem com honra. E foi na base da honra, do respeito e da humildade que eduquei os meus filhos”. A visita a Angola foi especial. Domingos não mais tinha lá voltado. A nostalgia pelo clima, pela terra vermelha, as memórias ali passadas foi sentido de forma apaixonada. Sentiu que não seria capaz de lá viver, ainda assim é um país que continua e continuará a amar.



Fernando Amorim

“Não lideramos só aquela pessoa que está junto de nós.
Aquele pessoa tem família. Temos de pensar que temos um impacto
que vai muito além daquilo que vemos”





Fernando Amorim com os irmãos Paulo e Ângela Maria

Guimarães é o berço da nacionalidade portuguesa, e nesta mesma cidade nascem as linhas das próximas páginas. As colinas e vales de Guimarães irradiavam pelas janelas do Hotel Guimarães e o sol fazia acentuar o brilho da paisagem. Da cidade medieval, restam traços, memórias e a história. Foi precisamente à história e às memórias de um conquistador que partimos à descoberta. Não do primeiro Rei de Portugal, mas de Fernando Amorim, que à semelhança de D. Afonso Henriques tem um traço conquistador. A memória parecia fugaz, mas rapidamente vieram à superfície retratos de uma vida ainda curta, mas intensa. Foram dezenas, centenas e até milhares as histórias já vividas, difíceis de enumerar, mas fáceis de recordar. São pedaços que formam um todo e que nos dizem aquilo que é Fernando Amorim. Pessoa de temperamento sereno e tranquilo, focado no trabalho e na vida familiar. É o equilíbrio entre estes dois factores que tem marcado as mais de quatro décadas já vividas.

O menino bem comportado

São seis os nomes que lhe traçam a identidade, mas bem mais são as suas características vincadas. Fernando Duarte Ribeiro Louro Gomes de Amorim, nascido em Guimarães, num hospital que já deixou de ser o principal da cidade. Corria o dia 15 de Junho de 1975, um domingo solarengo, pelas dez horas da manhã. É hoje o mais velho de três irmãos, apesar de não o ser à data do seu nascimento. O falecimento por doença da irmã mais velha, ainda em criança, alterou a vivência familiar. Percebe agora, em adulto, que foi um desafio tremendo para os pais e que, volvidos 40 anos, ainda é um acontecimento muito presente na família. “É daquelas coisas que não se apaga”. O pai, António Gomes de Amorim, era natural de Arcos de Valdevez e a mãe, Maria Luísa Ribeiro Louro da Silva Amorim, da Sé de Braga, cruzaram-se na mesma empresa onde toda a vida trabalharam. A Somelos - Tecidos, em Ronfe, deu origem à construção da família de Fernando Amorim. “O meu pai ainda esteve no Ultramar, mas quando regressou integrou a empresa, crescendo internamente até responsável de recursos humanos”. Começam por morar em Caldas das Taipas, mas simultaneamente ao falecimento da filha mais velha, veio a construção de uma casa em Brito, onde ainda hoje habitam. É a partir daqui que surgem as principais memórias de Fernando. “Recordo de o tempo nunca acabar, de os verões serem enormes, de dias grandes. Das brincadeiras na rua,



Fernando com a sua irmã Ângela Maria

brincar no monte, jogar à bola, as fisgas e atirar pedras uns aos outros. Recordo a vizinhança, os amigos e as amizades mais genuínas e fraternas”. Era em Vila Nova de Sande, freguesia vizinha, que se localizava a escola primária mais próxima. Aí completou a 4ª classe, sempre sendo bom aluno e um menino bem comportado. Aliás, afirma hoje ter sido demasiado bem comportado, até à vida adulta. Foi premiado como o melhor aluno da escola, tendo ido com o pai receber o prémio ao Museu Martins Sarmento. “Deram um livro, um cheque, um telescópio e um pão com marmelada. Eu, de nariz fidalgo, recordo ficar triste pelo pão com marmelada. Só mais tarde percebi o valor e interesse do prémio”.

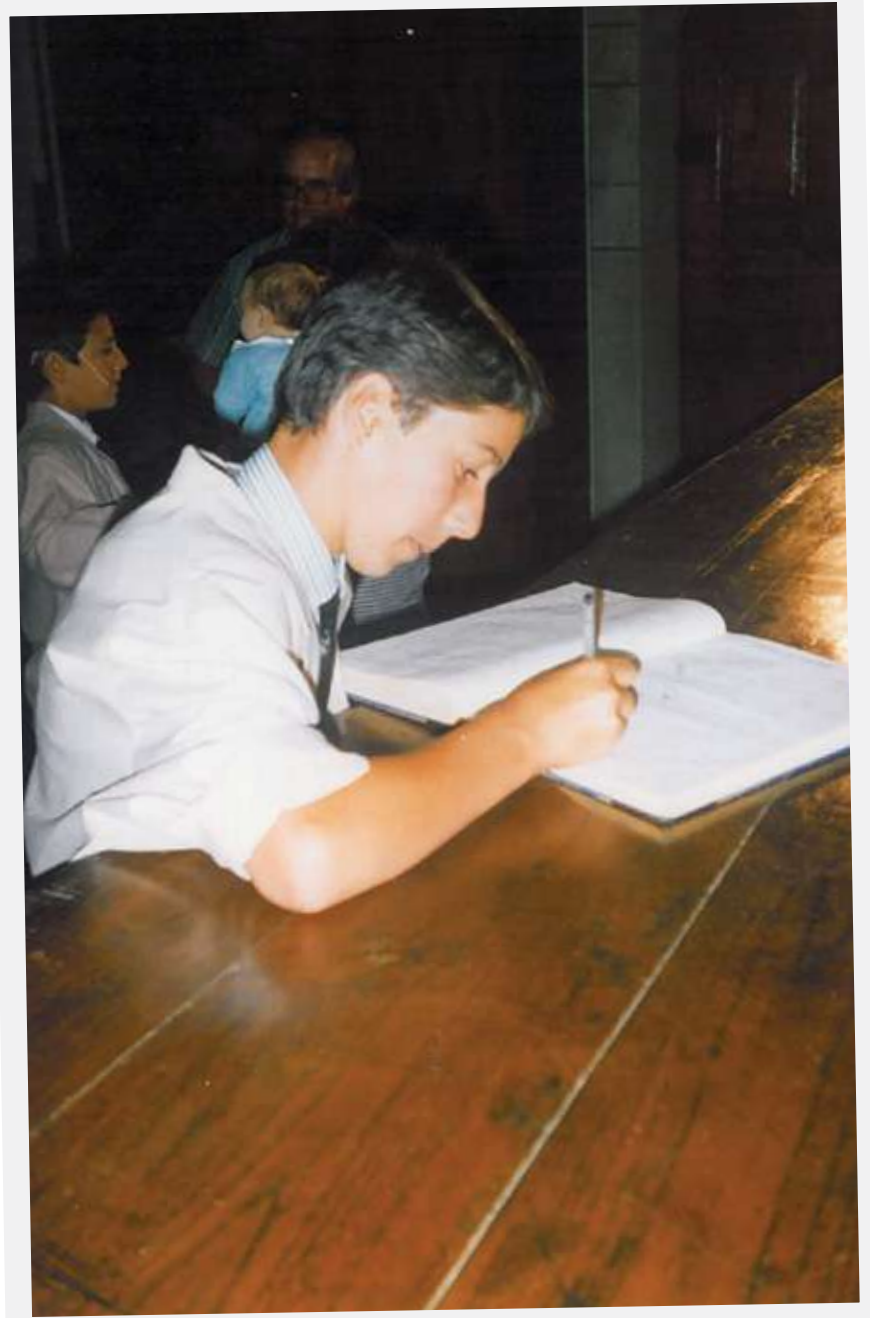
Fernando teve uma infância serena, amena, muito caseira, com as brincadeiras próprias de quem vive numa aldeia, mas muito enriquecedora.

A disciplina e o rigor

Surgiu o desafio do liceu, que Fernando completou na Escola Secundária de Caldas das Taipas. Uma escola nova a inaugurar, que marca o início de uma fase diferente. Manteve o mesmo registo de bom aluno e comportamento exemplar, apesar de ir abrindo as suas relações e amizades. Ainda não tinha a percepção do que queria ser no futuro, apesar ter a noção de querer



Paulo, Ângela Filipa e Fernando





Durante a juventude, com os pais e os irmãos

seguir algo ligado à disciplina, ao rigor e aos negócios. Já na época, enquanto levavam mochilas para a escola, Fernando orgulhava-se da sua mala que se assimilava à de um executivo. “Sempre quis disciplina porque gostava da ordem, do rigor, da harmonização e da organização, mas aspiração por uma profissão não tinha”. Terminado o liceu entra na faculdade mas, para desgosto dos pais, o mundo universitário não o fascina. É aqui que toma a decisão de querer ser militar. De forma inesperada integra o curso de formação de sargentos na Escola Prática de Infantaria, em Mafra. Foram seis in-

tensos meses, mas que concluiu com louvor. “Foi uma experiência extraordinária que adorei, porque foi duro, intenso, de uma disciplina assaz e que permitiu perceber um conjunto de aspectos e dar valor ao conforto, ao aquecimento, à água potável para beber, às necessidades básicas da vida que nós damos como garantidas, mas quando expostos a ambientes adversos, aprendemos a valorizar e respeitar”. Espírito de camaradagem e lealdade foram sentimentos que apreendeu e que guarda até hoje nos cadernos da sua vida. Na fase de dar continuidade à sua carreira militar, o pai impôs a



sua vontade de querer um futuro diferente para o filho. “Como sempre fui um menino obediente, e até contrariando a minha convicção e vontade, acedi à vontade do meu pai e voltei, com a possibilidade de entrar numa companhia de seguros”.

Os primeiros passos nos seguros

O sector dos seguros não era propriamente desconhecido para a família de Fernando. O pai, apesar do emprego na fábrica têxtil, era colaborador em parti-time



numa companhia de seguros. Surgiu a oportunidade de Fernando aqui começar a estagiar, dando assim início à sua aproximação ao mundo dos seguros. Tinha 19 anos, e pertencer ao sector da banca e dos seguros, era considerado no século XX como empregos de referência. Integra a Tranquilidade, na delegação de Guimarães, com um primeiro salário de 90 contos. “Uma fortuna na altura”, conta. Desde esse momento, Fernando foi sempre financeiramente independente dos pais. Começava aqui uma verdadeira carreira de sucesso nos seguros. É certo que na altura não tinha qualquer experiência,



mas valiam-lhe algumas características inatas e o facto de não ter medo de desafios. Isso valeu-lhe chegar sempre cedo a cargos que, em teoria, nunca seriam para a sua idade.

Uma carreira vertiginosa

Fernando integra-se no trabalho e é bem-sucedido. Passa a técnico comercial e consegue ser o gerente mais novo de toda a companhia. Com pouco mais de 20 anos, tinha de tomar decisões sobre investimentos, despedimentos e riscos. Desde cedo que é exposto a situações muito complexas para as quais só o bom senso, a educação e os princípios ajudam a preparar. Este foi

apenas o início de uma carreira ascendente e meteórica, que resultaram apenas de “muito trabalho”. Fernando incorporou rapidamente no trabalho o sentido de missão que trazia do serviço militar, acreditando executar a qualquer custo. “Hoje em dia, à distância, vejo que foi algo muito emocional, até exagerado, mas sempre fui um positivamente inconformado, que podemos sempre fazer mais”. Guimarães já era o segundo maior escritório do país, mas Fernando dá o salto, passando a coordenador e acompanhando apenas o mercado empresarial na região de Minho e Douro. “Depois passo a coordenador de zona, em que começo a enquadrar o maior escritório que era Penafiel, seguindo-se Gondomar e Guimarães. Começo a abrir, passo a director ad-





junto, onde tenho uma área de Viana até Castelo Branco, e começo aí a conhecer o país e todos. Foi uma carreira muito conseguida na Tranquilidade, sempre muito reconhecido, bem tratado, porque entregava resultados”. Desde 1994, foram 14 anos intensos de pura dedicação à Tranquilidade. 2008 é o ano em que Fernando decide abraçar uma nova realidade profissional, aceitando um convite da Açoreana, para ocupar um cargo de âmbito nacional, como director coordenador. Durante oito anos nesta companhia, desenvolveu projectos de grande envergadura que levaram a Açoreana a passar do 15º lugar ao top 3 da preferência, logo no fim de ano e

meio de trabalho. “Foi uma fase muito interessante que durou até 2015, durante esse tempo passei a ter uma ‘vida emigrada’, em Lisboa”. Cansado desta situação e impulsionado por um novo convite, decide abraçar um projecto de um grupo de investidores que compraram a Macif, companhia com quatro milhões de euros de prejuízo e cerca de 100 colaboradores. “Era preciso dar viabilidade económica e financeira à companhia”. Tarefa árdua, mas que Fernando rapidamente ajudou a reestruturar, organizar, dimensionar a estrutura de custos, trabalhando imensamente numa gestão de A a Z. Durante dois anos empregou tudo aquilo que sabia, não deixando nunca de continuar a aprender diariamente.

Os filhos de Fernando Amorim



Projecto Universalis

Com mais um projecto bem-sucedido, Fernando continuava a hipotecar aquilo que para si era o mais importante: a família. “É o que devemos preservar sempre, em prol do trabalho”. Por isso, embora a algum custo, decidiu colocar um ponto final na sua carreira executiva, tendo já uma alternativa. Regressou a Guimarães a 100% e decidiu tomar capital numa correctora, começando aí a nascer o projecto Universalis, um grupo de empresas que se dedica à construção e oferta das melhores soluções de Gestão Global de Riscos. É com este projecto “muito pessoal” que Fernando Amorim é hoje um profissional que gere as incertezas dos seus clientes transfor-





mando-as em vontades certas. A missão da empresa é criar e proteger valor e tem afirmado a sua diferenciação pelo elevado grau de tecnicidade que coloca nas soluções que desenvolve e elegeu a gestão do risco como o seu principal atributo. “Em dois anos, passamos de dois para dez escritórios. Este projecto trouxe-me aspectos positivos e negativos. Por um lado, ganho a minha convivência mais próxima de casa, mas perco o desafio do comando em grande escala”. Não ignorando as características que lhe são inatas, Fernando tem transformado

a Universalis num projecto de grande escala, não esquecendo nunca o treino de liderança e comando. Trabalha muito, mas trabalha quando quer. “Deixei de ter uma relação de vinculação laboral para ter uma relação em que crio, desejo, inovo, executo, e isso é ter todo o poder na mão”. Liderar está-lhe no sangue, mas Fernando tem a real percepção do que implica a liderança. “Não lideramos só aquela pessoa que está junto de nós. Aquela pessoa tem família. Temos de pensar que temos um impacto que vai muito além daquilo que vemos.”.

A estrutura familiar

Dia 11 de Agosto de 1993, Fernando saía do aniversário da sua avó, quando conhece Susana, que viria a tornar-se a sua companheira de vida. Eram os dois muito jovens, mas o amor à primeira vista foi suficiente para uma relação duradoura e estabilizada. “Foi sempre uma relação muito fácil porque nunca nada foi imposto nem apressado, tudo com o seu tempo”. Prova disso é o casamento, apenas realizado a 4 de Março de 2006. Um dia muito feliz na vida do casal, talvez abençoado pela ‘chuvada’ registada. Nove meses depois nasce Gonçalo, o primeiro filho do casal e o maior sonho de Fernando começa a ganhar contornos reais: ser pai. “É daqueles momentos difíceis de mensurar. Para quem tem crenças religiosas como eu, digo que é dos maiores milagres da vida. Foi um momento de realização tremenda”. Em 2011 nasce Manuel, o segundo filho, e a estrutura familiar de Fernando ganhou um peso maior. Se ser pai é tudo para Fernando, o facto de ter aproveitado pouco o nascimento dos filhos fica para sempre na sua consciência. “O que sempre me deu insatisfação foi





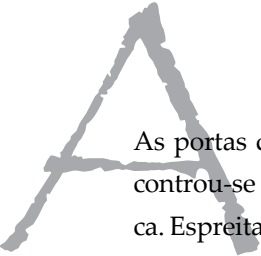
a impossibilidade de acompanhar os meus filhos presencialmente. Arrependo-me disso. É daquelas coisas que tenho de carregar comigo, não há dinheiro, função, cargo ou projecto que justifique não podermos estar presencialmente a amparar o choro de um filho”. Poder levar os filhos à escola é algo que, hoje, Fernando valoriza. Todo o tempo disponível que tem, é dedicado aos filhos. “Viajamos imenso com eles, procuramos desde tenra idade prepará-los para o mundo moderno, torná-los cultos, dar-lhes grande autonomia”.



Fernando Duarte

“Vivo os momentos com uma intensidade muito grande,
alcançando o impossível todos os dias”





As portas da Clitrofa abriram-se, e lá dentro encontrou-se muito mais do que uma simples clínica. Espreitava um dia solarengo de Inverno, e por ali se permaneceu até ao anoitecer. Cada canto, cada sala e cada pessoa transpareciam a essência da clínica: tudo funciona em equipa. Havia uma simbiose no ar, e a ideia de que tudo é estritamente profissional. Os pacientes não pararam de entrar, mas nunca se saiu de uma linha de organização e pontualidade. Espírito inglês? Apostaria que sim, apesar de saber que estávamos na cidade da Trofa.

Pode haver dúvidas se os números da vida influenciam de alguma forma a personalidade das pessoas. O ano de 1974 viu nascer Fernando Duarte, um homem de personalidade inquieta, que assume nunca estar acomodado. Influência da revolução, ou não, este médico dentista espelha o espírito de grandes figuras portuguesas. Faz parte de si viver intensamente as 24 horas do dia, em prol da sua família, da sua profissão, do ensino e da investigação. A si, se deve o sucesso e a projecção que a Clitrofa tem hoje. A si, e a Carina Ramos, que tem desempenhado o duplo papel de companheira: de vida e de profissão.



Tripeiro de Gema

É assim que se assume: tripeiro de gema. Fernando Duarte nasceu a 27 de Janeiro de 1974, ainda a tempo de, inconscientemente, presenciar a Revolução dos Cravos. Foi em Massarelos, na Maternidade Júlio Dinis, que nasceu, e toda a sua infância foi passada no centro histórico da cidade do Porto. Os famosos azulejos da Estação de São Bento, hoje na moda, Fernando Duarte recorda-se de em pequeno os ir desenhar. No percurso entre a estação, a Avenida dos Aliados e a Rua Chã, as pedras da calçada têm as suas memórias de infância. Os pais são de uma aldeia a 38 km da Invicta, chamada Entre-os-Rios, mas cedo vieram para a cidade do Porto à procura de melhores oportunidades de vida. “O meu pai trabalhava na construção civil e a minha mãe era interna numa família que tinha um negócio de confeitaria. Eram pessoas de muito trabalho”. Apesar de conterrâneos, foi no Porto que se conheceram, casaram e constituíram família. Manuel Duarte, o pai, acaba por abdicar da sua actividade em prol da confeitaria. “Eu fui criado num ambiente muito interessante, cheio de doces para uma criança, mas também no meio do negócio e com a perspectiva de comércio”. O contacto com a troca directa, desde cedo, ajudou Fernando Duarte no seu desenvolvimento, a ter experiência de contas e a saber gerir stocks.



Fernando Duarte com a avó



A importância da Avó

Foi com felicidade que viveu toda a sua infância, sem nunca nada lhe faltar. Isso agradece aos seus pais, toda a dedicação em prol de um filho. “Sou filho único, então eles viviam mesmo para o trabalho”. Tinha Fernando Duarte dez anos quando a família saiu do negócio da confeitaria e o pai passa a comercializar laticínios. “Fornecia confeitarias e queijarias da cidade do Porto, com queijos, iogurtes, manteiga, tudo o que eram laticínios. Tínhamos o Queijo da Serra, comprado directamente na Serra da Estrela, e também desde novo acompanhei o meu pai neste processo de aquisição, de venda, de ir ao pastor, de percorrer os caminhos, fazer as entregas”. Assume que teve uma infância privilegiada, mas não esbanjadora, pois sempre lhe foi inculcido

pelo pai um equilíbrio grande do ponto de vista económico. Quem também teve uma preponderância grande na sua infância e juventude foi a avó materna. Por ocasião do Natal, a avó ia de Entre-os-Rios para ajudar na entrega dos queijos. Fernando recorda com saudade algumas memórias dessas entregas. “Eu já com 18 anos, saía com a minha avó, ia à Serra da Estrela, pesava o queijo no pastor, pagava e ia entregar a Lisboa, regressando depois ao Porto. Isto tudo com a companhia da minha avó. Ela estava atenta, mas ia dormitando, e a expressão marcante que tanto dizia era: ainda falta muito filho? A minha avó marcou muito a minha infância, apesar de não ter uma convivência diária, tinha períodos muito intensos com ela”.



Formação Salesiana

Líder do grupo e “dono da bola”, era assim que desde novo Fernando Duarte era visto no seu grupo de amigos. Ainda é do tempo de brincar na rua e aqui ir construindo amizades. Amizades que duram até hoje, apesar dos diferentes caminhos e percursos que cada um foi tomando ao longo da vida. São os “amigos da fralda”, como Fernando lhes chama, porque apesar do tempo, conhecem-se como ninguém e têm entre si uma grande cumplicidade. Começaram juntos no Colégio dos Órfãos, instituição que marca o início do percurso escolar de Fernando Duarte. Entra nesta instituição de gestão Salesiana com cinco anos, onde para além da formação académica, tinha uma componente religiosa e de actividades complementares. “Eles acreditavam que mais do que formar pessoas formavam Homens numa perspectiva mais ampla. Fiz lá a pré-primária, e os ciclos: primário, preparatório, unificado e complementar, até ao 11º ano”. Apesar do exame de proficiência ter revelado aptidão para áreas distintas, Fernando escolhe a área

científico-natural, ingressando no 12º ano no Liceu Alexandre Herculano. Uma nova realidade na sua vida, pois tratava-se do maior liceu da cidade do Porto. “Para além do choque cultural, pois nós vivíamos num ambiente mais controlado, mais protegido, ali havia uma multietnicidade maior, era uma escola grande, pública, e eu vinha de uma privada”.

A escolha da Medicina Dentária

Concluído o 12º ano, havia uma certeza: o gosto pela Medicina. Mais do que o gosto pela medicina, havia a paixão pela vertente cirúrgica, a capacidade de reconstruir com detalhe e pormenor sempre o fascinou. Decide optar pela Medicina Dentária “que é muito mais minuciosa, organizativa e acaba por se encaixar muito mais na minha personalidade”. Fez a sua licenciatura no Instituto Superior de Ciências da Saúde do Norte e no início do 4º ano conheceu Carina Ramos, a mulher que viria a tornar-se a sua companheira de vida. Viveram percursos académicos distintos, pois tinham três anos a separá-los, mas o que os uniu na época, continua até hoje.



Uma aventura chamada Londres

Com o diploma de licenciado na mão, Fernando Duarte decide abraçar uma das maiores aventuras da sua vida. Mudou-se para Londres e integrou o Eastman Dental Institute na Universidade de Londres, onde concluiu a pós-graduação e o Mestrado em Cirurgia Oral e Maxilofacial. Foi uma nova realidade, mas uma experiência enriquecedora para o resto da vida. “Fui em 1998, as comunicações não eram como



hoje. No primeiro ano ainda comunicava com a minha esposa por carta”, lembra. Recorreu aos Salesianos para ficar numa instituição semelhante em Londres, durante a primeira semana. Foi depois tempo de conhecer o hospital, arranjar alojamento e familiarizar-se com a cidade e a nova realidade. “O primeiro ano foi muito difícil. Senti o autêntico espírito de emigrante: muitas saudades, dei valor às coisas simples da vida. Um sofá, por exemplo, só dei valor quando o perdi. E depois foi toda a questão de aprender a gerir dinheiro, comida, roupa, aprender qual é o autocarro, a linha de metro, onde fazer as compras. Dá-se valor a ouvir falar português. O espírito e união de um emigrante fora do país é grande, ultrapassa muito as barreiras económicas e a

posição social, havendo um espírito de entre-ajuda tremendo”.

Londres deu a Fernando Duarte uma nova escola de vida de superação, em que as dificuldades eram só o próximo passo. A exigência era máxima, mas ali Fernando confirmou o gosto que tinha pela cirurgia, integrando-se cada vez mais na formação. Fortalecia-o saber que contava com o apoio incondicional dos pais. “Perceberam que estava a definir o meu futuro e apoiaram incondicionalmente. Os meus pais são pessoas que estão presentes nos momentos decisivos e chave da minha vida. Não tenho uma relação de falar diariamente, mas sempre que é necessário eles estão lá. Há coisas que não é preciso falar, o sentimento é superior a isso”.

No dia do casamento



O difícil regresso a Portugal

“Londres pôs-me a sonhar e deu-me uma grande bagagem profissional”. Terminados os três anos, e colocada de parte a hipótese de lá continuar em Doutoramento a tempo inteiro, Fernando Duarte regressa a Portugal, estando Carina Ramos a terminar a sua licenciatura. A integração não foi fácil. “A metodologia e os meios eram muito diferentes. Nós tínhamos máquinas e meios complementares de diagnóstico para tudo e, infelizmente, em Portugal não era assim”. Fernando acabou por integrar o Hospital da Senhora da Oliveira, em Guimarães, no primeiro serviço de Estomatologia e Medicina Dentária. Paralelamente, iniciava-se como docente no ensino universitário, mas rapidamente surge o grande projecto da sua vida: a Clitrofa.



Clitrofa: um projecto conjunto

Fernando Duarte e Carina Ramos decidem criar em 2002 a Clitrofa e são, até hoje, os pilares da clínica. Começou com cerca de 400m², dois gabinetes de medicina dentária, um pequeno bloco operatório para cirurgia de ambulatório e um consultório para análises clínicas e enfermagem. Alguns anos bastaram para que fossem obrigados a repensar o conceito do espaço. “Com a minha envolvimento académica surgiram alguns convites para dar conferências em eventos e reuniões científicas, para leccionar cursos em Portugal e participar em publicações e artigos científicos; uma vez que era docente universitário na Cespu, entretanto fomos desenvolvendo o nosso projecto pessoal”. A proximidade ao aeroporto viabilizou a internacionalização do projeto, uma preocupação patente deste a origem. As instalações rapidamente tiveram de crescer porque a Clitrofa começava a ter clientes de todos os pontos do país. “Vinhm referenciados por algumas patologias ou para algum tipo de cirurgia mais específica para o qual eu tinha treino. Obrigou-nos a otimizar protocolos e prazos, por exemplo a colocar implantes dentários e a reabilitação protética no mesmo dia, tendo para isso que construir o nosso próprio laboratório de prótese dentária”.





O mar na vida do casal

Começaram o projecto Clitrofa ainda solteiros, mas o casamento seria o próximo passo na vida dos dois médicos dentistas. Foi em 2006 que a união aconteceu, já depois de terem concluída a casa por ambos idealizada. É em Vila Chã, com vista para o mar, que o casal ainda hoje habita. O mar assume-me como um elemento preponderante na vida de Fernando e Carina. “A maioria das decisões das nossas vidas foram feitas à beira do mar: começamos a namorar, pedi-a em casamento e vivemos à beira do mar”, conta. Mar faz também parte da vida dos filhos do casal. Henrique Mar nasce em 2007 e Bruna Mar em 2009. “O meu filho foi o primeiro português a ter Mar como nome próprio”, uma inevitabilidade. A paternidade é outro projecto que Fernando Duarte abraça com todas as energias que tem, não fosse este o projecto mais importante da sua vida. “Temos a felicidade de ter um casal, o que por si só são experiências diferentes. Tenho que lhes dar prioridade e conciliá-los no meio de toda a minha actividade profissional”. A gestão do tempo complicou, porque o crescimento dos filhos coincidiu com o crescimento da clínica.



Remar contra a maré

Com a crise que assolava Portugal, desde 2008, com despedimentos e momentos difíceis de muitas empresas, a Clitrofa faz precisamente o contrário. Investe, faz obras, aumenta as suas instalações e estrutura. Foi esta atitude de remar contra a maré que fez ditar o enorme sucesso



Fernando Duarte com a mulher e os filhos



que a clínica tem. As áreas de negócio foram diversificando e a internacionalização deu uma excelente ajuda, porque toda a parte académica e de referência começou a dar os seus frutos. Fernando criou a Clitrofa Education Academy com recursos e programas de formação nacional e internacional. “Nós semeamos muito, mas a Clitrofa é um orgulho. É um projecto pessoal e só assim é que tem estes resultados, porque implica gerir outras pessoas e outras famílias, logo a responsabilidade e o risco aumentam muito”. Quando começou não imaginou onde iria chegar, apenas tinha a certeza de que iria trabalhar muito. E foi com trabalho e dedicação que construiu



a equipa Clitrofa. “O mais difícil de tudo são os recursos humanos, as pessoas e se tenho algum mérito é em ter construído a equipa, porque para ganharmos um paciente é muito difícil, mas para o perdermos é muito fácil”.

“Sou um ser pouco acomodado”

Impõe-se a questão de como consegue Fernando gerir o seu tempo em função das diversas actividades que desempenha. É doutorando, num projecto conjunto entre a Universidade de Londres e a Universidade de Oxford. É docente no ISAVE, consultor científico internacional e



responsável pela formação na Europa da empresa S.I.N. – Implant System, consultor internacional da MTD – MedTechDental, Curasan e Oxford-Scientific. É Especialista em Cirurgia Oral pela Ordem dos Médicos Dentistas e exerce com prática exclusiva em Cirurgia e Implantologia Oral, sendo responsável por estas áreas na Clitrofa. Percorre o mundo em conferências e, acima de tudo, consegue ser um bom filho, um bom pai e um bom marido. Continua a viver intensamente cada momento da sua

vida, procurando sempre alcançar o impossível todos os dias. “Não mudaria nada. É a grande virtude da minha vida, continuava a fazer a mesma coisa, continuava a investir da mesma forma. Sou uma pessoa que vive os momentos de forma mágica, única e com muita intensidade, mas sou feliz. Não me posso queixar de nada, porque conseguimos uma estabilidade e um reconhecimento que só se consegue trabalhando muito todos os dias. Não há sorte, a sorte constrói-se”.

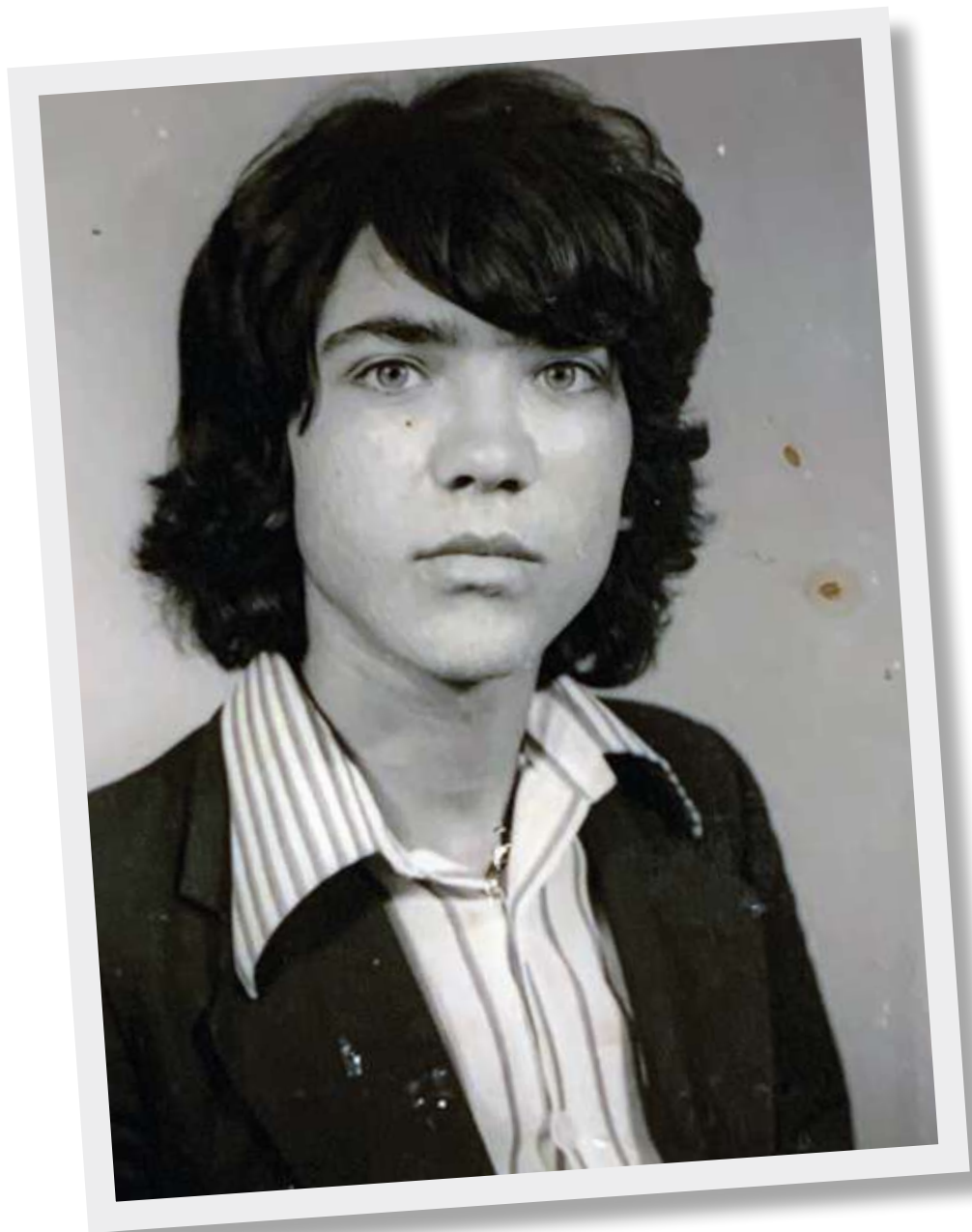


Henrique Costa

“A minha história e o meu passado são a minha riqueza”



Ligaram-se as luzes, preparou-se o estúdio e abriu-se a porta à história de um português que, à semelhança de muitos, ultrapassou vários obstáculos ao longo da vida. Como recordar é viver, o protagonista desta história abriu o seu baú das memórias e desenrolou as cenas que marcaram o seu percurso. Um sentimento de ansiedade rapidamente se foi transformando em nostalgia com o desenrolar da conversa. Nostalgia pela saudade, pelas recordações, mas acima de tudo por uma vida que tem passado rápida demais. Uma brisa do sol de uma manhã já fresca foi entrando e fazendo brilhar ainda mais o olhar de Henrique Costa. Nos seus olhos, corriam imagens daqueles que o acompanharam desde sempre, no seu pensamento aquilo que viveu com eles e no seu coração um aperto por tudo ter sido vivido tão intensamente. Um respirar fundo abriu a conversa, mas havia a certeza de querer reviver tudo isto: uma infância feliz, um sonho não alcançado, a luta por uma vida melhor e uma família estruturada. A quatro dias de completar 59 anos, Henrique Manuel Dias Costa contou o seu percurso de vida, que tanto se orgulha. Da emigração do pai, ao sonho da Medicina não concretizado, Henrique Costa deu a volta por cima e contou com o Brasil e posteriormente com a França, para fazer vida e família. Passou por várias actividades, distintas todas elas, mas foi no sector das telecomunicações que acabou por se encaixar definitivamente.



Uma infância humilde, mas feliz

Foi a 24 de Setembro de 1959 que Henrique Costa nasceu, sendo já o quarto filho de uma família humilde e simples. A família não ficou por aqui, continuou a crescer e tornou Henrique Costa o filho do meio, num total de sete filhos. Independentemente de um ou sete, Henrique lembra que o valor que imperava no ambiente familiar era o respeito, acompanhado sempre pela honestidade e boa educação. O seu pai era agricultor e a sua mãe dedicou a vida aos filhos, não havendo, por isso, um salário fixo a entrar em casa. Nasceu no concelho de Ansião, pertencente ao distrito de Leiria, e aqui passou a sua infância.





*Henrique Costa
tinha 18 anos
quando chegou
ao Brasil*

A partida do pai

Aos nove anos viu o seu pai emigrar para França e ainda hoje a admiração pelos seus progenitores se mantém. A emigração foi a solução encontrada para um casal que se viu com sete filhos, as duas últimas, sendo gémeas, já não esperadas. Foi em Maio de 1968 que o pai de Henrique Costa chegou a França, numa época marcada por greves, que condicionou a comunicação com a família. “Ficamos um mês sem ter notícias do meu pai”, recorda. Na noite da partida, Henrique lembra que não dormiu. “Éramos três rapazes e dormíamos todos na mesma cama. Eu era o mais pequeno e dormia no meio, sei que eram 3h da manhã quando ouvi o meu pai sair, não mais dormi”. Sem saber uma palavra de francês, sem emprego garantido, o pai de Henrique Costa apenas foi com a ambição de dar uma vida melhor aos filhos. “O primeiro salário que conseguiu em França enviou para Portugal, para o bem-estar dos filhos”. Da estadia do seu pai em França, Henrique pouco sabe, contando apenas que passou por Créteil e por Champigny-sur-Marne, tendo habitado no Bidonville. À mãe coube a responsabilidade de colmatar a ausência do pai, redobrando o carinho e a atenção dada aos sete filhos. “O amor dela compensava, embora não o substituísse”. Ao fim de cinco anos, imperando a vontade de unir novamente a família, o pai de Henrique Costa regressa a Portugal.

O objectivo da formação académica

Henrique orgulha-se de poder ter feito uma escolaridade acima da média, na altura. Também entre os seus irmãos foi aquele que continuou para além do ensino primário. Era bom aluno e, por isso, a mãe decidiu inscrevê-lo no “ciclo preparatório”, assim que a Escola da Ansião abriu. Eram sete quilómetros até Ansião e Henrique lembra que nos dois primeiros anos fez o percurso, todos os dias, a pé. “Depois tive uma bicicleta, e nos restantes três anos era esse transporte que utilizava. Havia uma carrinha que ia buscar os alunos, mas por carência financeira não me tocava a mim”. A vontade de estudar mais estava sempre presente na cabeça e no coração de Henrique. Terminou o 5º ano com 16 anos e o seu sonho era seguir Medicina. Sabendo das dificuldades e obstáculos que esse sonho lhe iria trazer, traçou como meta especializar-se primeiro em Enfermagem, para assim juntar algum dinheiro que lhe pagasse a formação em Medicina. Em 1977 estava tudo encaminhado para o sonho começar a ter asas. Inscreveu-se na Escola de Enfermagem de Coimbra e o seu pai, já em Portugal, alugou-lhe um quarto na cidade dos estudantes. Porém, um facto histórico de Portugal viria a trocar-lhe as voltas. “Em Setembro de 77, disseram que o meu lugar na escola não podia ser utilizado nesse ano, porque seria ocupado por um retornado, das famílias que vieram das antigas





Dia do casamento com os pais

colónias portuguesas. Isso, para mim, foi uma grande injustiça. Em 15 dias fiz um passaporte internacional e decidi emigrar”. Com um sentimento de revolta e injustiça, Henrique Costa partiu para o Brasil com a intenção de não mais voltar a Portugal. Oriundo de uma família muito unida, ainda hoje questiona como teve a coragem de deixar tudo para trás com a vontade de esquecer a sua pátria.

A passagem pelo Brasil

Foi um primo, no Rio de Janeiro, que recebeu Henrique. Um novo ar e uma nova vida pairavam no seu pensamento. O que mantinha de Portugal era a vontade de continuar os estudos, objectivo esse que rapidamente teve de esquecer. “Ainda me inscrevi num colégio, tinha 18 anos na altura, mas seis me-



Dia do casamento com os sogros



ses depois tive de desistir, porque tinha de trabalhar". O primo tinha uma padaria, e foi por aí que começou, trabalhando no balcão até saltar para a condução de táxis, após obter a carta de condução. Para além da Medicina, Henrique nunca mais teve um objectivo profissional, saltando de área em área à procura de algo que o concretizasse. As saudades iam aumentando e o rancor a Portugal diminuindo.

do. "A comunidade portuguesa no Brasil é bastante unida, são uns pelos outros, porque sabem que a viagem é muito longa e que dificilmente íamos a Portugal. Fui recebendo cartas do meu pai e fotografias da família, mas as saudades iam aumentando". Esteve três anos no Brasil até que um irmão, emigrado em França, o desafiou a juntar-se a ele em terras gaulesas.

Segundo destino: França

França sempre foi o objectivo de Henrique quando decidiu sair de Portugal, mas as fronteiras fechadas levaram-no a escolher um destino para lá do Atlântico. “Eu não queria ficar num país onde estivesse clandestino”. Um bilhete de avião em 1980, enviado pelo irmão, fez então com que Henrique abraçasse um novo desafio na sua vida, chegando a França. O que não queria, acabou mesmo por acontecer: ficou ilegal, embora por pouco tempo. Em 1981, com a vitória de François Mitterrand nas eleições presidenciais, iniciou-se um processo de legalizações em França, beneficiando Henrique. Aqui, começou por ajudar o seu irmão numa oficina, em Seine-Saint-Denis, fazendo a pintura de automóveis. Rapidamente percebeu que a inalação de diluentes não lhe era favorável, facto que lhe fez arregaçar as mangas e procurar uma nova actividade. Foi nos classificados de um jornal que encontrou um restaurante, onde esteve também apenas dois meses.

A companheira de uma vida

Pouco depois de ter chegado a França encontrou Lucília Ramos, a mulher que viria a ser a sua companheira de vida. “Passado uma semana já morávamos juntos”, conta Henrique, que lamenta o pouco tempo que podiam passar juntos pelas incompatibilidades de horário laboral. “Passava um mês sem me encontrar com ela, e por isso decidi ver os anúncios de emprego para mudar a minha vida”. Lucília Ramos nasceu em Lisboa, mas tem origens na Guarda e em Fornos de Algodres, localidades dos seus pais. Em França, também procurava uma oportunidade de vida melhor e a construção de uma família. Ao lado de Henrique, tem construído o seu percurso de vida, num casamento feliz que já dura 35 anos. Com a determinação de ter mais tempo para uma vida em comum, Henrique vai a uma entrevista de emprego para funcionário de armazém de uma empresa na área dos telefones. Sem qualquer experiência na área, Henrique confessa que montou um sistema para telefonar à



Henrique Costa, mulher e filhos, a sua riqueza



mãe, em Portugal, através do qual se podia ouvir músicas. Esta história bastou para ficar contratado e começar a trabalhar no dia seguinte... que era sábado. Caía por terra as aspirações dos fins-de-semana livres, mas ainda assim decidiu aceitar. “Não sabia o horário de trabalho, o que ia ganhar, o que ia fazer. Sabia apenas que era uma empresa dedicada à instalação de telefones, com cerca de 50 empregados. Procuravam uma pessoa para o armazém onde tinham o *stock* de material”. A verdade é que se dedicou à profissão, teve sempre a vontade de aprender mais e apaixonou-se pelo sector. Cinco anos bastaram para que Henrique Costa quisesse ir mais longe, criando a sua própria empresa.

O sentido empreendedor

Em 1987 Henrique Costa cria a empresa com o seu nome - Costa, de Conception Organisation Sono Téléphonie Alarme - dedicada ao ramo das telecomunicações. Começou sozinho, com alguns clientes que o seu antigo patrão lhe arranjou, mas rapidamente fez o negócio crescer. O seu sentido por aprender, inovar, dedicar-se e empreender traçaram o seu rumo de sucesso. Hoje, Henrique Costa tem um grupo de três empresas que se complementam entre si. Em 2002 surgiu a CPRT, como empresa de comercialização de produtos de redes de telecomunicações.



Por último, em 2013, criou a CRIAR, uma empresa dedicada à gestão de sistemas informáticos em empresas. Com cerca de mil clientes espalhados pela região parisiense, Henrique Costa sabe que só com profissionalismo, competência, disponibilidade e competitividade é que tem conseguido alcançar os resultados positivos das suas empresas. Tem um espírito irrequieto, que aliado a um sentido empreendedor, fazem-no não querer estabilizar, procurando sempre mais e melhor.

Uma família unida

Henrique Costa e Lucília Ramos casaram em 1983, casamento do qual surgiram três filhos. “São o meu maior motivo de orgulho”. Roberto nasceu em 1986, Marco em 1989 e Gabriel em 1993. Para a esposa, Henrique tem o maior agradecimento por sempre ter sido excepcional. “Aceitou deixar o trabalho para educar o nosso primeiro filho, o segundo e o terceiro. Foi uma esposa com bastante competência. Acompanhou-me, esteve disponível quando eu precisei, e sempre aceitou que eu pudesse chegar atrasado por motivos profissionais”. Da família, Henrique revelou ainda um sonho, embora nunca quisesse transmitir essa pressão aos filhos. “Gostava

que continuassem com as empresas. Sonhei e acabou por se concretizar, embora tenha sido ele a tomar a decisão”. O filho mais velho do casal acompanha o pai nos negócios do grupo e prepara-se para tomar conta das empresas.

As pazes com Portugal

Henrique saiu revoltado e injustiçado, disposto a esquecer a pátria que o viu nascer. Os anos serviram para atenuar este sentimento e até mesmo para o fazer esquecer. Hoje, Henrique não passa sem ir a Portugal. Tem casa em Ansião e em Lisboa e os seus filhos, apesar de terem nascido em França, têm dupla nacionalidade. O contacto com os seus irmãos continua forte, mantendo sempre um espírito de união entre a família. Em 2018, Henrique Costa foi reconhecido como Português de Valor, facto que o levou, uma vez mais, a evidenciar a ligação ao seu país. “Foi uma grande honra, mas não esperava, porque acho que não fiz nada de especial na minha vida a não ser respeitar o próximo. A nível profissional cada um tem a sua história. Agora, quero merecer aquilo que me foi atribuído, mas penso sempre que são centenas de milhares de pessoas portuguesas e outras, que mereciam essa distinção”.



Henrique Costa com o seu Padrinho da Academia do Bacalhau, Fernando Lopes

Orgulhoso do percurso

A palavra orgulho é aquela que Henrique escolhe para descrever o seu percurso de vida. Podiam ser muitas outras, mas é aquela que descreve o sentimento de satisfação por tudo aquilo que conseguiu construir ao longo da vida. Olhando atrás, assume que faria tudo da mesma forma. “Aquilo que eu faço e sou hoje assim o é pelas circunstâncias da vida. Posso não ter sido médico de pessoas, mas sou médico de telefones”. O que continua sempre é a ambição para fazer amanhã melhor do que o que faz hoje. “Pessoalmente quero ser melhor nas minhas relações com outros, nas relações com os funcionários, com os filhos, com a família”. É com luta que Henrique Costa olha para qualquer que seja o desafio, pois “um problema só existe até se encontrar uma solução”. Foi com emoção que começou e terminou este desenrolar de pequenas histórias que traçam a vida de Henrique Costa. Terminamos com reticências, porque “a minha história não está concluída. Se falarmos amanhã, já será um dia a mais” ...



José Fernandes

“Fazer o bem, sem olhar a quem”



F

Foram pouco mais de 200 quilómetros percorridos para a descoberta de mais um nome, de mais uma história. O destino foi Bragança, município e cidade sede de distrito, situada bem no extremo Norte de Portugal. Chamam-lhe Trás-os-Montes, e pela dificuldade de acessos, foi permitindo que aqui se mantivessem tradições e costumes por longos séculos. Hoje, as vias de comunicação estão diferentes. Diz-se que as gentes desta terra apresentam semblantes rudes e agrestes, reflectindo a dureza do trabalho e do clima do Nordeste Transmontano, mas são também muito afáveis, generosas, sinceras e de coração aberto para quem chega. Na chegada, uma leve brisa fazia esvoaçar bandeiras. Os carros



de socorro estavam alinhados, prontos a seguir emergências. Foi ao quartel dos Bombeiros de Bragança que cheguei, à casa dos soldados da paz. Aqui, ostentar uma farda representa muito mais que um sonho, significa a coragem de ir onde ninguém quer, de colocar a vida em risco pelos outros. Ser-se bombeiro significa não se gostar de Natal, Páscoa ou Ano Novo, porque ao mesmo tempo que o mundo festeja, os soldados da paz colocam os olhos e a alma na segurança dos que estão sobre as suas asas. No quartel, o 'movimento sossegado' de quem está sempre a postos, à espera do alerta. No meio de botas, roupas e capacetes, há uma farda que se destaca: a do Comandante. Abriu as portas do seu gabinete e abriu também o baú das suas recordações. José Fernandes, o homem e o militar, que se fundem num só.



As origens brigantinas

José Fernandes nasceu em 1958 na freguesia de Alfaião, do concelho de Bragança. É precisamente aqui que hoje é visto como um herói, não fosse o Comandante dos Bombeiros de Bragança. É filho de Manuel Fernandes e Maria Madureira, ambos agricultores, a profissão possível numa aldeia tipicamente rural. É neste ambiente que é criado, apesar de Alfaião ser hoje um pouco diferente. A diferença está na população, que tende a ser cada vez menos, deixando a aldeia cada vez mais envelhecida e desertificada. José tem uma irmã mais nova, difere cinco anos, e recorda que o seu nascimento veio completar um vazio na sua vida. “Desejava ter alguém com quem discutir e guerrear, mas a verdade é que sempre nos demos muito bem”. Num esforço de memória, José recorda-se ainda da primeira casa onde morou, a chamada ‘casa de residência’ do padre da freguesia, que a tinha alugado à sua família por nela não habitar. É já na segunda casa que acaba por nascer a irmã mais nova e onde se desenrola o resto da sua infância. Num espírito de genuína liberdade, ali cada dia era uma festa. “Éramos muitos garotos, todos amigos uns dos outros, convivíamos, brincávamos, jogávamos a tudo e mais alguma coisa”. Também o trabalho fazia parte do seu dia-a-dia, ajudando os pais na agricultura



José Fernandes com a ‘Senhora da Veiga’, a sua guia espiritual





365 dias por ano. José frequentou a Escola Primária de Alfaião, recordando-se ainda da sua primeira professora, Aida Florbela da Cruz, ainda viva. Aqui completou a 4ª classe, antes de passar para o Liceu Nacional em Bragança, que distava cerca de dez quilómetros de sua casa. Mudou-se, por isso, para a casa de um familiar, sendo insuportável realizar a viagem diariamente. É no centro de Bragança, mas também influenciado pelo gosto do pai, que começa o fascínio pelas fardas dos militares. Nunca pensou ter outra profissão. O seu desejo, desde tenra idade, era ser militar.

O início da carreira militar

José completou o liceu em Bragança, o designado antigo 7º ano, mas uma ideia o atormentava. Se, por um lado, aspirava seguir a vida militar, por outro, preocupava-o a guerra no Ultramar português. “Pessoas da minha aldeia escreviam aos pais, os chamados aerogramas e normalmente terminavam com a frase ‘adeus, até ao meu regresso’”. Isso causava-me uma nostalgia porque eu pensava que o regresso podia nunca acontecer”. Quis o destino que chegasse a Revolução dos Cravos antes da sua en-



trada no serviço militar obrigatório, tirando-lhe um peso de cima. Chegada a hora da verdade, decidiu deixar para trás a sua Bragança e entrar na vida militar, a 9 de Janeiro de 1979, em Santa Margarida. A recruta é apontada por muitos como a época mais difícil da vida militar. As novas rotinas e o rigor das tarefas dificultam a vida aos soldados, mas não os impedem de continuar. Chegam com um saco onde têm apenas o essencial e o primeiro impacto para José foi terrível. “Fomos muito praxados, mas quanto mais dificuldades me põem no caminho, mais eu trilho esse caminho e mais força tenho para o vencer. Foi sempre

isso que fiz ao longo da vida. Se tenho dificuldades, tenho de arranjar engenho e arte para as ultrapassar, depois a satisfação é maior”. Ainda hoje se lembra do seu ‘pelotão’ e das amizades que lá criou. “São para a vida”, porque pelas dificuldades e adversidades tornam-se cúmplices, companheiros e camaradas.

A paixão pelo serviço

Foram 16 meses no serviço militar obrigatório, até ter depois concorrido à Escola de Sargentos. José via aqui

uma oportunidade de ingressar no quadro permanente do Exército, e não hesitou. Recebeu instrução durante dois anos, divididos entre Lamego e Mafra. O sentido de missão e serviço sempre falou mais alto na vida de José. Terminado o período de formação, foi colocado em Lisboa, na Carregueira, lá permanecendo vários anos até ser transferido para Chaves. “O meu dia-a-dia como sargento, naquela época, era muito virado para a instrução, porque enquanto somos novos temos capacidades físicas que agora já não são as mesmas”. Em 1988, concorre ao Instituto Superior Militar, que marca a transição da carreira de Sargentos para a carreira de Oficiais. Concorreu, entrou e fez o curso em Águeda durante dois anos, sendo assim promovido a Alferes. Com uma preparação mais burocrática, acaba por ser colocado em Vila Real, prosseguindo depois para o Museu Militar de Bragança, onde esteve durante dez anos. Era o desejado regresso à terra natal, podendo fazer aquilo que mais gostava. Chegou como Tenente em 1994 e saiu como Capitão, em 2004. Neste mesmo ano integra a Academia Militar em Lisboa, onde esteve durante um ano. É neste período que a Câmara Municipal de Bragança, pela vontade do presidente à época, o engenheiro Jorge Nunes, faz uma requisição ao Ministério da Defesa Nacional, para José Fernandes passar a comandar os bombeiros locais. Com o aval das mais altas instâncias, José passa a ser o Comandante do Bombeiros de Bragança, cargo que ainda hoje desempenha.





O acompanhamento familiar

Fazer e desfazer malas. Foi assim que José passou grande parte da sua vida, estando destacado longe do seu habitat, Bragança. Mas aqui sempre permaneceu o seu núcleo. Irene Queijo tem sido o pilar que sempre o acompanhou e fortaleceu ao longo dos anos. Conheceram-se ainda na escola, apesar de ela ser natural do concelho de Alfândega da Fé. Casaram-se em 1982 e no ano seguinte nasce o primeiro filho do casal. “Ela foi a mãe e o pai, porque eu decidi que se alguém andasse com malas às costas seria eu. A educação dos meus filhos praticamente foi a minha esposa que a deu, porque eu fui um pai ausente fisicamente. Custou muito, eu tenho uma mágoa na minha vida que é não ter vivido com o meu filho mais velho”. O nascimento da filha, já em 1991, estando José em Águeda, foi diferente. “Já a vi nascer e consegui acompanhar durante o colégio, a escola primária e o liceu”. Apesar da distância, José vinha a casa todos os fins-de-semana. O cansaço era ultrapassado pelo gosto do trabalho e pelo orgulho na

família, acabando por se sentir recompensado. Aquilo que sempre desejou foi que os filhos fossem felizes, ancorando a felicidade nos valores do trabalho, educação, honestidade e humildade. Pelo que são hoje, sabe que foi um trabalho bem conseguido. José Filipe, o filho mais velho, formou-se em Engenharia Informática, passando a trabalhar na Nokia em Budapeste. Ana Carolina, é engenheira biomédica e trabalha na IBM, em Bruxelas. Longe dos filhos, José sente bem o significado da palavra portuguesa ‘saudades’. São o orgulho do pai, e José faz questão de o enaltecer. “Sou pai de dois filhos maravilhosos. Tenho-lhes um amor imenso e um enorme orgulho no que eles são. Não foi por terem crescido sem mim que os sinto menos próximos. Conheço-lhes os sabores, os calores, os humores, os odores, os amores e os dissabores, mas tenho a mágoa de nunca lhes ter mudado uma fralda. Essa é uma falha no meu currículo. Eram outros tempos, outros momentos. Na vida só há uma coisa melhor que ter um filho: é ter dois!”



*José com os filhos
José Filipe
e Ana Carolina*

A ligação a Bragança

Fazer esboçar um sorriso em José é falar de Bragança. É onde gosta de estar e viver. Ser Comandante dos Bombeiros de Bragança tem um sabor especial na sua vida. “É um orgulho imenso e, depois de assumir esta função, apontaram-me para desempenhar outras missões, mas eu sempre disse que a única coisa que seria, depois de estar aqui, era ser Comandante dos Bombeiros Voluntários de Bragança”. José sabe que um dia terá de deixar o cargo, mas já o disse aos seus bombeiros que “um dia deixarei de ser o vosso Comandante, mas vós nunca

deixareis de ser os meus bombeiros. Eu terei sempre os meus bombeiros até ao fim da minha vida”. Tem sido com grande sentido de responsabilidade e missão que diariamente comanda os homens e mulheres que dão a vida ao quartel. Para além disso, José Fernandes é ainda presidente do Núcleo de Bragança da Liga dos Combatentes e faz parte do conselho executivo da Liga dos Bombeiros Portugueses. É a Bragança que tem dedicado os últimos anos da sua vida, e pelos quais tem sido homenageado.



José Fernandes, o Comandante

Foram já várias as distinções, nacionais e internacionais, mas José Fernandes rejeita o protagonismo, entregando-o directamente aos Bombeiros de Bragança, a “todos os homens e mulheres que comigo trabalham. É para eles que vão todas as menções honrosas, condecorações e louvores”. José é apenas o rosto do trabalho de uma equipa que não tem medos nem receios. Diariamente, no quartel, nada é programado. “O socorro não é programado, ele acontece e surge. Felizmente, temos bombeiros muito bem preparados técnica e fisicamente para socorrer e resolver qualquer incidente. Estamos equipados com material do mais moderno que existe e dotados de mulheres e homens que me deixam descansado. Mas é sempre um desafio diário”. Sempre atentos e em alerta. Aos soldados da paz não interessa quem é, apenas onde é. Impera o sentido de missão e socorro. “Fazer o bem, sem olhar a quem”.



Ejército de Tierra

En atención a los méritos y circunstancias que concurren en
el Teniente Coronel de la República Portuguesa
Sr. Jose Sebastiao Fernandes

he tenido a bien concederle la

Cruz

del Mérito Militar con Distintivo

Blanco

Y para que conste expido la presente cédula que
firmo en Madrid, a 23 de diciembre de 2016.



Subsecretaria de Defensa

Concedida por Orden 431/00236/17, «MDD-004, de 2017



José Fernandes, o cidadão

Ser Comandante é exigente, e impõe-se não ter horários. Nem sempre é fácil separar o José Fernandes cidadão do José Fernandes Comandante. Restam momentos, oportunidades e ocasiões para usufruir da sua vida pessoal fazendo e estando com quem gosta. “Gosto de estar com a família e com os amigos. A vida sem eles não tem interesse. Posso mesmo dizer que tenho amigos que são autênticos irmãos, e os verdadeiros amigos nunca se perdem, acompanham-nos até ao resto da nossa vida”. Transmitido pelo pai está o gosto pela caça. Começou a praticar cedo, ainda criança, quando acompanhava o progenitor nas caçadas. Aos 16 anos, assim que a legislação permitiu, deu o primeiro tiro e confirmou o gosto pela actividade. Uma das paixões da sua vida é viajar. “Gosto de conhecer outras culturas, outras

gentes, outras maneiras de ser e estar na vida. Sempre que posso sinto necessidade de sair. Há dois anos estive no Senegal e não era a mesma pessoa se não tivesse lá ido, se não tivesse conhecido pessoas que vivem como nós nem há 100 anos vivíamos. Mas são felizes e isso é o mais importante”.

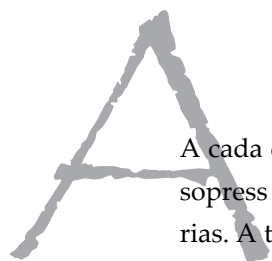
Não só na sua actividade profissional, mas também no seu quotidiano diário, José faz por fazer o bem sem olhar a quem. É um lema que o acompanhará sempre, independentemente do contexto, lugar e ocasião. Hoje, apenas pede saúde para continuar a viver o seu dia-a-dia. “Nunca planeei nada na minha vida, e continua a ser um prazer enorme levantar-me e vir fazer o que gosto. Farei sempre por ser intelectualmente livre e financeiramente independente”.



Olívía Carvalho

“Como os grandes descobridores portugueses,
eu nasci com um espírito irrequieto, com a vontade de descobrir
o mundo, conhecer coisas novas e explorar”





A cada dia que passa as paredes da Lusopress completam-se com mais histórias. A tinta pode sair e até a cor mudar mas, as vidas que ali são contadas, essas mantêm-se intactas. Basta lápis e papel na mão ou um simples gravador para que as memórias se tornem imortais. Cada uma com a sua essência, o seu por menor, a sua origem e vivacidade, mas todas com um valor indeterminável. É a história, o percurso e a vida de cada um. Em comum: uma bandeira que se agita, uma língua que se fala, um sentimento patriota. Portugueses, de origem ou coração, mas todos com uma paixão inesgotável pela terra de Camões. São letras, palavras, linhas, parágrafos... páginas e páginas da história de Portugal, da história de todos nós, porque nós somos Portugal. A porta abriu-se, e por ela entraram Olívia Carvalho e Mário Jorge, de mãos dadas. Partilham a vida há 50 anos e por isso cada olhar, cada gesto e cada sorriso tem o seu significado próprio. Foi com timidez que foram abrindo o baú das recordações, mas a conversa embalou num bom ritmo, percorrendo os marcos de cada um.

Infância dedicada à olaria

Olívia Carvalho é oriunda de uma pequena freguesia do concelho de Barcelos, Galelos de Santa Maria, terra desde sempre ligada à olaria. Aqui facilmente se descobre as origens do aproveitamento do barro e a razão de existir das mais antigas tradições ligadas ao fabrico do afamado Galo de Barcelos, actividade essa que começou com apenas 14 anos, na pintura destas tão características figuras. Nesta localidade, recheada de jovens, fruto de várias famílias numerosas, era esta a ocupação profissional da grande maioria dos seus habitantes. O pai de Olívia trabalhava nas terras, mas também a sua mãe não fugia à tradição regional de trabalhar “nos bonecos”, como assim lhe chama. “Quem aqui nascesse já estava destinado a esta actividade. Mesmo que se quisesse fazer outra coisa, não havia muita oferta naqueles tempos”. Olívia é a filha do meio, tendo um irmão mais novo e outro mais velho, que por entre outras actividades também não conseguiram fugir à olaria. Em casa, Olívia acompanhava a actividade da mãe complementando com os estudos. Frequentou a escola apenas até aos 10 anos, porque “não se apostava na formação”. Com 12 anos teve o seu primeiro trabalho fora de casa, numa fábrica da sua freguesia dedicada à criação de bonecos de cerâmica. “Eu trabalhava com a minha mãe em casa, mas não queria estar em casa, queria fazer como os outros, e fui para uma fábrica. Lá tra-



balhei na pintura, mas fazíamos todo o processo”. Da infância existe ainda hoje uma lembrança de felicidade, com meios suficientes para viver. “Éramos três filhos e nunca passamos dificuldades, porque com a actividade da louça dava sempre para viver. Posteriormente o meu pai também emigrou para França, por isso havia sempre salário a entrar”, conta.

Dona de um espírito irrequieto

Talvez influenciada pelo espírito dos descobrimentos portugueses, Olívia Carvalho sempre mostrou ter o so-

nho de viajar e descobrir coisas novas. Assume que essa vontade nasceu consigo e corre-lhe no sangue. “Como os grandes descobridores portugueses, eu nasci com um espírito irrequieto, com a vontade de descobrir o mundo, conhecer coisas novas e explorar. Para além de viajar, sempre desejei ser costureira ou decoradora, porque gostava de mudar e inventar modelos. Tinha aptidão para trabalhos manuais, gostava de passar o tempo e ver o que faziam”. Não foi costureira nem decoradora, mas os trabalhos manuais fizeram parte da sua juventude, trabalhando na olaria. Começou com 12 anos na empresa de um tio, cheia de vontade de apren-



der algo novo, porque aqui se faziam bonecos mais temáticos, para o Natal e outras festividades. Nunca gostou de passar muito tempo com a mesma actividade, possuindo um verdadeiro espírito irrequieto, por isso com 16 anos mudou de fábrica, passando agora para o fabrico do verdadeiro Galo de Barcelos. É o símbolo de Portugal e, já naquele tempo, era um grande produto exportador. Três anos bastaram para que surgisse a vontade de mudar novamente. Regressa a uma fábrica na sua freguesia, e é aqui que acontece uma visita que muda para sempre a sua vida.

A vontade de querer algo mais

Mário Jorge é natural de São Simão de Litém, uma freguesia do concelho de Pombal. Nasceu em 1947 e poucas são as recordações que tem do convívio com o pai, que emigrou para França depois de ter nascido. Em Portugal ficou Mário Jorge com os seus cinco irmãos e a sua mãe. “Na altura, seis filhos ainda era considerada uma família pequena. Vivíamos bem, não sentíamos dificuldades e tivemos, todos nós, uma infância feliz”. Mário frequentou a escola até aos dez anos, e quando





frequentava a 4ª classe teve um professor que o desafiou a continuar os estudos. “Ele não tinha filhos e disse à mãe que eu podia continuar os estudos em casa dele. Cheguei a fazer o exame de admissão ao Liceu de Leiria e passei, mas a minha vontade de ganhar dinheiro falou mais alto”. Mário Jorge acabou por desistir da oportunidade que lhe surgiu de continuar a sua formação, em prol de começar a trabalhar e ter o seu próprio sustento. “Eu via o meu pai a ganhar dinheiro em França, e sempre fiquei com essa vontade”. Começou a trabalhar com



11 anos em São Simão de Litém, ajudando pequenos empreiteiros. Aos 14 anos toma a decisão de ir para Lisboa, sem a mãe saber. Com conhecimentos e experiência, manteve-se na capital durante três anos, altura em que decidiu fazer as malas e ir para França. A vontade de querer algo mais estava sempre presente na cabeça de Mário Jorge. “Vim para junto do meu pai e de um irmão, que estava em França há dois anos e meio, mas assim que cheguei o meu pai regressou definitivamente a Portugal”. Instalou-se em Maisons-Alfort, trabalhan-



do juntamente com o irmão numa empresa onde só existiam portugueses. “Decidi procurar outro trabalho e arranjei noutra empresa, onde era o único português, o resto era tudo italiano. Ao fim de seis meses já havia mais portugueses que italianos, porque lá ganhava-se mais, e atrás de mim foram muitos”. Mário Jorge ainda não tinha um ano que estava em França e já era chefe de equipa. Conhecia tudo muito bem e ganhou experiência para o resto da vida. Juntamente com Mário Jorge trabalhavam dois primos de Olívia Carvalho.

Um encontro casual e o casamento

Numa vinda a Portugal, Mário Jorge acompanhou os primos de Olívia numa visita à fábrica onde esta trabalhava. Confessaram, em tom de brincadeira, que a estadia de Mário por Barcelos tinha como objectivo conhecer uma irmã de um dos primos de Olívia. Quis a sina que o cupido alterou o destino dos acontecimentos. Olívia e Mário conheceram-se na fábrica “dos bonecos” onde trabalhava e daí até ao casamento foi um salto.



“Isto aconteceu em Outubro de 1967 e vimo-nos nessa semana umas três ou quatro vezes. O Mário voltou para França e regressou em Maio de 1968, por causa das greves. Regressou uma terceira vez, em Outubro desse mesmo ano, e casámos. Houve apenas três encontros até ao casamento”, recorda Olívia Carvalho, que tinha 19 anos e Mário Jorge apenas um ano mais. Eram jovens, mas recordam como se fosse ontem o dia do Matrimónio. “Ele veio de Pombal, deve ter saído pelas 4h da manhã, em direcção a Barcelos. Fomos casar ao Sameiro, em Braga, e foi uma cerimónia muito bonita. A nossa lua-de-mel foi no Grande Hotel da Póvoa, onde posteriormente decidimos construir uma casa”.

A ida para França

O ano de 1968 foi de grande viragem para Olívia Carvalho. Com 19 anos, decide casar e seguir com o seu marido rumo a França, sendo que conhecer novos lugares e pessoas faziam parte das suas ambições e esta opção de vida ia de encontro aos seus sonhos. Olívia e Mário são hoje o exemplo de uma relação cúmplice e não é de admirar que a meta dos 50 anos, a viver em conjunto, tenha sido alcançada com amor e simplicidade. “Quando aqui cheguei não falava uma palavra em francês, no entanto, posso dizer que foi uma vida simples e, ao mesmo tempo, muito boa”, refere Olívia. Os primeiros



tempos não foram fáceis. Olívia não falava francês, não conhecia ninguém e ficava em casa, enquanto via Mário Jorge sair para trabalhar todos os dias. Ainda assim admite “que tinha uma força que me fez aguentar”. Um ano após o casamento surge a primeira filha, Brigitte, seguindo-se Johnny um ano após. O seu tempo e dedicação passou a ser em função dos filhos e do marido, que sempre tratou da melhor forma possível.



Sentido empreendedor

Com a vida familiar estabilizada e bem consolidada, Mário Jorge decidiu em 1973 criar a sua própria empresa de construção. Inicialmente em nome próprio “Mário Jorge Artisan”, a empresa foi progredindo em trabalho e estrutura. Sozinho, rapidamente passou a empregar mais de 20 colaboradores. O crescimento da empresa exigiram uma alteração de sociedade, passando anos mais tarde a ter a actual designação “SO VILLAS”, sediada em Morsang-sur-Orge. “Construí muitas casas até hoje, tenho mais de três mil clientes. Posso orgulhar-me de ter construído casas de grandes artistas franceses. A minha qualidade e garantia de trabalho têm feito o sucesso desta empresa, nunca precisei de fazer publicidade. Mário Jorge pretende agora terminar a sua actividade empresarial, mas as frequentes solicitações de trabalho não o têm permitido. “Ele quer parar mas não pode, porque tem muitos clientes. Houve muita crise em França, mas nunca ouvi o meu marido dizer que tinha de despedir funcionários, felizmente nunca sentiu falta de trabalho. Isso deve-se a ser sério com os clientes, trabalhar bem, o melhor que se pode”.





A despedida da casa onde habitaram 30 anos

50 anos de casamento

Sempre a par, Olívia Carvalho e Mário Jorge atingiram a etapa dos 50 anos de casamento. Mário recorda as etapas passadas com ternura. “Passou depressa. A nascença dos filhos, as viagens e tudo mais. Nunca houve um conflito entre nós”, refere. Fruto da cumplicidade que ambos nutrem, enquanto casal, Mário confessa em jeito de brincadeira. “É uma mulher de casa muito boa. Faz uns bons pra-





Bodas de Ouro, com os filhos e netos

tos de comida, sempre tudo à minha maneira. Quando me levanto, de manhã, a minha roupa está prontinha”, atira. Para o cúmplice casal, a chegada aos 50 anos de casados não passou indiferente, aliás, uma etapa que não acontece todos os dias. Festejaram em Morsang-sur-Orge, numa habitação que acolheu os protago-



nistas desta história durante 30 anos. “Foi uma casa que fizemos há 30 anos. Vivemos aqui durante estes anos todos e agora irá ser demolida. Aqui enterramos todos os segredos”, conta Olívia. Ao lado do casal esteve a família e os amigos mais próximos do casal. Foram aqueles que, com eles, partilharam os bons e



maus momentos de um matrimónio singular. Dizem ser uma família feliz, juntamente com os dois filhos e quatro netos, que hoje têm. “Apesar do trabalho, sempre estive presente à noite e consegui levá-los à escola. Podia ter passado um pouco mais tempo com eles, mas quando ia de férias eram seis semanas para

aproveitar ao máximo o tempo com os meus filhos”, nota Mário Jorge, exemplificando o ambiente fraterno da família. Brigitte Jorge formou-se em Turismo e trabalha na Air France, enquanto Johnny Jorge se especializou em Arquitectura, tendo inclusive trabalhado com o pai em alguns projectos.

Os sonhos não acabam

Olívia com o seu espírito irrequieto e Mário com a sua vontade de querer fazer sempre mais, não conseguem parar. O golf faz hoje parte da vida deste casal, como uma actividade ao qual se dedicam com toda a determinação. “Participamos em torneios, temos uma paixão pelo golf. É como uma segunda empresa, dedica-se a vida a isso. Ainda não tínhamos 50 anos quando começamos a praticar golf e o melhor que um casal pode fazer é jogar em conjunto, porque é uma actividade ao qual se dedica muito tempo”, confessa Mário Jorge. Ano após ano, o sonho de Olívia de conhecer o mundo foi-se concretizando, somando no seu passaporte inúmeras viagens, também muitas das quais à conta do golf. Para além disso, Olívia confessa um outro sonho. “Gostava de fazer uma residência para idosos na freguesia dos meus pais. Tenho esse desejo e espero um dia conseguir concretizar”.



A paixão pelo golf



O bom filho à casa torna

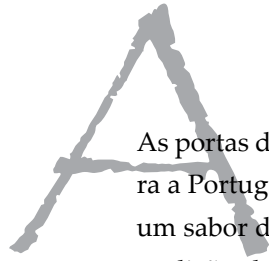
Olívia, lembrando-se hoje de como era difícil a ida e integração em França, dedica-se a ajudar os portugueses que decidem ir para este país. É assim que se sente feliz e realizada, provando que o espírito de entre-ajuda fortalece os laços da nossa comunidade. Mesmo tendo viajado um pouco por todo o mundo e conhecido muitos locais de grande beleza, é em Portugal que mais gosta de estar e onde se sente segura e certamente que Portugal sentirá que bom filho à casa torna. “Gostava de dividir o meu tempo de reforma pelos dois países”, diz Olívia. Em Barcelos mantém as suas raízes, tendo agora uma pequena quinta onde produz vinho para consumo interno. Em São Simão de Litém continuam as memórias, as lembranças e a família de Mário Jorge. “Sempre permaneci português, nunca necessitei da nacionalidade francesa, e assim serei sempre português”.



Ramiro Alves

“Não podemos ter medo de nos lançar porque a vida é curta,
os anos passam rápido demais.”





As portas de correr não param o dia inteiro. É uma entrada e saída constante. Lá dentro, cheira a Portugal. Cá fora, o ambiente do dia-a-dia. É o Saveurs du Portugal. Em cada prateleira, um sabor da terra de Camões. Em cada canto, uma lembrança portuguesa. No ar, o som das tradições lusas. Respira-se Portugal neste supermercado, em Achères. Foi ali dentro que se ouviu a história, pelo próprio, de Ramiro Alves. É o rosto do Saveurs du Portugal e também ele carrega uma história de superação. Por entre os momentos de lembrança, a emoção. A emoção pelos que partiram e pelos que o acompanharam sempre. Houve também palavras de gratidão, a quem ajudou e estendeu a mão no momento certo. A vida de Ramiro Alves foi feita de altos e baixos, mas a sua perseverança levaram-no por um caminho de sucesso.

A vida em Nogueira da Montanha

É em tom de brincadeira que Ramiro Alves diz o dia em que nasceu: 1 de Abril de 1957, o tradicional Dia das Mentiras. Sente-se obrigado a reforçar que é verdade, esboçando sempre um sorriso. Nasceu e cresceu na freguesia de Nogueira da Montanha, na aldeia de Santa Marinha, concelho de Chaves. É um orgulhoso flaviense. Aqui passou a sua infância, marcada por momentos felizes. É o mais novo de oito irmãos, de uma família que sempre foi unida. Os pais, Leonardo Alves e Teresa de Jesus, trabalhavam na agricultura. “Os meus pais tinham animais e recordo-me de ir para o monte com um irmão, apanhar comida para os alimentar”, conta. Também ainda pequeno, lembra-se da neve que caía nos invernos, e de o pai ter de abrir caminho para poderem sair de casa. “Ficávamos contentes porque não íamos à escola”. Ramiro teve uma infância feliz e rica, apesar de ver os colegas na escola mais favorecidos economicamente. A mãe fazia também trabalhos de costureira, mas não levava dinheiro aos clientes. “As pessoas para pagar, vinham ajudar no campo, por exemplo na altura de apanhar as batatas. Não existiam as máquinas como agora, eram outros tempo”, sublinhando o espírito de partilha que existia. Na escola, Ramiro fez até à 4ª classe na aldeia de Amoinha Velha, onde se localizava a escola mais próxima. Nunca perdeu nenhum ano e lembra-se de ter sido um bom aluno por ter levado “poucas reguadas”.



*A vida rural
em Nogueira
da Montanha*



O virar de uma página

Com 12 anos, Ramiro Alves vê a sua vida dar uma volta de 180 graus. Foi como virar a página de um livro, e encontrar um novo capítulo. Primeiro, o sofrimento. Depois, a revolta. Em Agosto de 1970 vê falecer o seu avô materno. Apenas um mês depois, foi a vez de chorar a morte do seu pai. “Foi um choque muito grande”, conta, visivelmente emocionado. As saudades do pai e aquilo que não conseguiu viver com ele, ficam até hoje. “O meu pai tinha uma diferença de 20 anos em

relação à minha mãe. O meu pai viu-a nascer, andou com ela ao colo. Foi uma história bonita”. Ramiro era o filho mais novo e, talvez por isso, o menos preparado para lidar com a situação de perda. Já com três irmãs emigradas em França e ficando impossível continuar a tratar das terras dos pais, Ramiro foi com a sua mãe e com seus irmãos para terras gaulesas. Uma nova vida era aquilo que procuravam. Uma nova vida, com a família junta.



Ramiro com a mãe e o irmão Manuel Alves, que apenas conheceu aos 18 anos

Uma nova vida em França

Recorda-se até hoje do dia em que foi para França. “O meu tio Manuel, de quem gostava muito, tinha uma camioneta e trouxe-nos até à cidade de Chaves, para podermos passar a fronteira”. Um episódio simples, mas que o marcou. Marcou-o de igual forma a difícil despedida da avó materna. “Foi muito duro”. Para trás deixou a liberdade do campo, a casa da família, os amigos. Tinha à sua frente um mundo inteiro por descobrir e uma vida por desenhar. Com 12 anos, chegado a França, Ramiro não integrou a escola francesa. Foi morar para casa de uma irmã e tomar conta dos sobrinhos Zeca e Celeste. “Eu estava habituado a uma casa grande, ali sentia-me condicionado. Fui tomar conta de duas crianças, mas ainda precisava era que tomassem conta de mim”. Ramiro não dormia no mesmo tecto que a sua mãe, não sabia francês, não tinha amigos e acabava por chorar muitas vezes. A vontade era regressar a Portugal, mas a sua situação assim permaneceu durante dois anos.

A estabilização

Sentir o aconchego da mãe diariamente, era o que Ramiro Alves precisava nos primeiros tempos em França. Conseguiu-o assim que se mudaram para Vitry-sur-Seine. Percorreu várias casas, andando de cidade em cidade. Com 14 anos estabeleceram-se em Meudon-la-Fôret, e aí Ramiro começou a estabilizar a sua vida. Entrou para a escola francesa, começou a aprender a língua, a fazer novos amigos e a tentar integrar-se na vida francesa. Foi nesta altura

que começou também a trabalhar. “Eu era o mais velho da turma, não estava 100% integrado, tinha notas baixas, e acabaram por chamar o meu irmão, enquanto responsável de educação, para ir à escola. Chegaram a dizer: fizemos tudo por ele, se não quer estudar, que trabalhe”. Palavras que o magoaram e ainda hoje, ao recordá-las, magoam. Ainda assim, Ramiro Alves não se deixou abater. Arranjou um trabalho, conciliando com a escola. “Ia para as limpezas das 6h às 8h da manhã, depois estava na escola durante o dia e voltava para as limpezas ao fim da tarde. Foi com este emprego que consegui ter os papéis e legalizar-me em França, embora esse processo tenha demorado um ano e meio a ficar concluído”. Seguiu-se um emprego numa fábrica de peças para automóveis e nova mudança de casa, para Fontainebleau. “Era muito longe. Saía cedo de casa e só chegava ao trabalho as 11h da manhã. A viagem era feita de comboio, que parava em todas as estações. Ao fim de três dias acabei por desistir”, conta. Encontrou perto de casa uma nova ocupação: fazer camas num hotel, através de uma empresa de trabalho temporário. Continuava insatisfeito e sem encontrar uma actividade profissional que o realizasse. Foi encaminhado para uma grande casa de electrónica, onde aí permaneceu durante dois anos e meio, altura em que completa 18 anos de idade. A família muda-se para Maisons-Laffitte e aí Ramiro integra uma casa de frutas e legumes, assumindo a função de vendedor. Não precisou de cumprir os 15 dias de experiência a que estava sujeito, no final da primeira semana estava contratado. A empresa viu nele as qualidades que viria a desvendar no resto da sua vida: a aptidão nata para o comércio.



Ramiro e Maria Adelaide

A esposa, prima direita

Curiosa é a história do amor de Ramiro Alves e Maria Adelaide Alves, sua esposa. A curiosidade não está no momento em que se conheceram, isto porque já conheciam desde sempre. “Somos primos”, assume Ramiro Alves. Para além do amor que os une, há laços de sangue em comum, sendo primos direitos um do outro. Numas férias passadas em Portugal, um momento despertou à atenção de Ramiro. “Ela andava numa malhada, com um chapéu preto e chamou-me à atenção, durante o bailarico de aldeia”. Aí começou um namoro que durou quatro anos. “Nesse tempo falávamos por telefone e enviávamos cartas, que ainda hoje as guardo”. E por entre muitas cartas, há uma especial, aquela onde explica ao tio as suas intenções para com a futura esposa. Casaram em 1981, com a aprovação da família e aí começaram a construir uma vida em comum, até hoje.



A vida em comum em França

A vida do casal começou a ser desenhada em França, para onde foram após o casamento. Neste início de vida em comum, Ramiro comprou um lugar em dois mercados, para onde ia vender frutas e legumes, diariamente. Actividade esta que era difícil para Maria Adelaide acompanhar, pela barreira linguística. O investimento nos mercados foi de dez milhões de francos, cerca de três mil contos, um valor bastante significativo, mas que englobava os lugares, balanças, mesas e até um camião para o transporte. “O antigo dono ficou de trabalhar comigo uns seis meses para continuar com os mesmos clientes, mas ao fim de 15 dias o senhor faleceu. Encontrei-me numa situação difícil, porque os clientes perguntavam por ele e iam-se embora”. Ainda assim, Ramiro ali se manteve durante dois anos, até entrar no grupo Monoprix, começando a trabalhar como responsável do departamento de frutas e legumes da loja. O seu dom para o comércio de frutas e legumes é inegável e Ramiro





chegou a quadro da empresa no grupo Monoprix. “Trabalhava das 6h às 14h, indo depois das 15h até às 21h para outra casa de frutas”. Posteriormente, surgiu a oportunidade de integrar as Galerias Lafayette, também como vendedor de frutas e legumes. Em casa, Maria Adelaide era o apoio e a ajuda para a construção de uma família maior, porque foram surgindo os filhos. Nasceu o Nicolás em 1983 e a Elodie em 1990. Com dois filhos nos braços, o casal decide regressar a Portugal e tentar uma nova vida, agora na sua pátria.



Uma aventura em Portugal

Ramiro Alves pediu uma licença sem vencimento e tinha como objectivo educar os filhos em Portugal. Corria o ano 1992 e, ao mesmo tempo, um cunhado desafiou-o para uma sociedade num restaurante. Aventurou-se, mas assume que foi um erro total. “Fomos para a cidade de Chaves, mas numa sociedade nem tudo bate certo”. Encerrada a aventura no restaurante, Ramiro ainda se tenta lançar em Portugal na comercialização de gado vivo, beneficiando dos terrenos que os sogros detinham. O facto de não ter visto aprovado um projecto que tinha submetido aos Fundos Europeus, e a doença das vacas loucas que apareceu no país, fizeram-no desistir da ideia, regressando novamente a França. Estiveram em Portugal durante quatro anos, mas ao regressarem a terras gaulesas em vez de quatro, foram cinco pessoas. Em 1993 nasceu o filho mais novo do casal, o Silvino, o único a nascer em Portugal.



O regresso a França

O grupo Monoprix voltou a acolher Ramiro, e acolheu também o filho mais velho, que optou por não prosseguir os estudos. Já estabilizados novamente em França, Ramiro começou a mostrar a vontade de concretizar um sonho antigo: ter um negócio próprio. Apesar da reticência da esposa, o filho apoiou-o a 100%, incentivou e ajudou a levar o projecto avante. Surgiu assim o Saveurs du Portugal, em 2003. Mais que um projecto de





Ramiro, era um projecto de família. A esposa e o filho tinham deixado os seus empregos para se dedicarem ao supermercado a tempo inteiro. Ramiro optou por continuar no Monoprix por precaução. Seis meses bastaram para que sentissem a necessidade de reforçar a equipa, tal começou a ser o sucesso do espaço comercial. Toda a família se concentrou no Saveurs du Portugal, permitindo a todos os portugueses matar as saudades do seu país, através do paladar. Um dos grandes sucessos do espaço é o espaço de take-away, onde Maria Adelaide cozinha diariamente e emprega os melhores sabores de Portugal.

Uma equipa de sucesso

Juntos, Ramiro, Maria Adelaide, Nicolás, Elodie e Silvano fazem uma equipa de sucesso. De forma mais ou menos directa, é a união desta família a base para o crescimento do projecto comercial que detêm. “Hoje o Nicolás trabalha por conta própria, em vários mer-





cados. A Elodie é educadora de infância, seguiu o seu caminho, mas sempre ajudou os pais no supermercado. O Silvino sempre trabalhou connosco, e senti nele que teria orgulho em continuar este projecto”. O Saveurs du Portugal conquistou o coração de portugueses e franceses e o seu espaço começou a revelar-se pequeno para o serviço que queria pro-

porcionar. Este desenvolvimento obrigou a família a procurar novas instalações, para proporcionar mais oferta aos clientes. Bem junto às antigas instalações está desde 2017 o novo Saveurs du Portugal, um armazém de 600 metros quadrados onde diariamente trabalham 12 pessoas. Silvino é hoje o gerente do espaço, dando um pouco mais de liberdade a Ramiro.

Aproveitar o tempo em família

Ainda se ocupa diariamente do comércio, e faz questão de ir a Portugal procurar os melhores produtos para ter nas prateleiras, mas Ramiro quer agora aproveitar melhor o tempo em família. Todos os dias, lembra o quão importante foram os filhos e a esposa para o sucesso do supermercado. “Foi graças a eles, senão nunca tinha chegado onde cheguei”. A união familiar que tinha em pequeno, fez questão de manter sempre. Chaves continuou a ser a sua cidade, aí tendo também uma casa que os acolhe sempre que vão ao seu país. Agora, Ramiro pretende aproveitar o tempo de outra forma, não pensando tanto no trabalho.

“A verdade é que o trabalho não mata ninguém, mas temos de aproveitar enquanto somos novos, porque por vezes a vida passa rápido”. Ainda assim, sente que não desperdiçou nenhuma oportunidade na vida. “Não podemos ter medo de nos lançar porque a vida é curta, os anos passam rápido demais. Quem não for lutador, não vai a lado nenhum”.



10 Nomes Histórias

2019 - 4ª Edição

Éxito Régie Publicitaire
1, rue vasco da Gama – 94460 Valenton

Redação

1, rue Vasco de Gama - 94460 Valenton - France

Propriedade

José Gomes de Sá - cont nº 128 275863

Director

Lídia Sales | lidiasales@gmail.com

Textos

Isabel Oliveira

Fotografias

Wilkerson Alves

Maquetagem

João Cazenave

Impressão

Lisgráfica, Impressão e Artes Gráficas, SA

Tiragem

10 000

lusopress@gmail.com

www.lusopress.tv

